

ESTÁDIO ADOLPHO KONDER:

DO CAMPO DA LIGA AO PASTO DO BODE



RELATOS HISTÓRICOS DA PRIMEIRA PRAÇA DESPORTIVA DE SANTA CATARINA

AGRADECIMENTOS

Não posso deixar de agradecer a todos os entrevistados e parceiros de pesquisa: Fernando Bastos, Mário Medaglia, Fernando Linhares, Adroaldo Cassol, Delfim de Pádua Peixoto Filho, Rodrigo Capela, Tullo Cavallazzi Filho, Roberto Alves, Adalberto Kluser, André Luis da Silva, Êmerson Gasperin, Alexandrino Barreto Neto, José Carlos Bezerra, Vandrei Bion, Dona Nesi Furlani, entre outros. Sem a contribuição deles este trabalho não seria possível.

Agradeço a Patricia Prado pela bela diagramação em tempos de *dead line*. Uma menção especial ao meu orientador, o prof^o Mauro César Silveira, que teve a árdua tarefa de tentar salvar meu texto e estava disponível sempre que solicitado.

Por fim, mas não menos importante, tenho que agradecer aos meus pais “patrocinadores” desta empreitada e meu irmão por tudo que sempre representou para mim.

O INÍCIO	5
MAJESTOSO	6
O MAIOR DO ESTADO	8
MÁRTIRES DO TRABALHO	12
CHUTEIRAS DEFORMADAS	15
PASSO DE LESMA	18
LUTO ESTRAGA A FESTA	21
<i>UNA VOCE</i>	24
DESACATO À AUTORIDADE	27
43 ANOS DE DECISÕES	31
SALVO PELO AMADORISMO	32
NA BOLA E NO PAU	34
JUIZ CAMPEÃO	36
PORQUE EU SOU SAULZINHO	38
ESQUADRA AZURRA	40
CLÁSSICO DA AMIZADE	43
CELEBRE REFEREE IMPORTADO	44
PASTO DO BODE	46
FEDERAÇÃO CATARINENSE DE FUTEBOL	48
AVAIANOS E FIGUEIRENSES UNIDOS PELO MESMO TIME	50
POTÊNCIAS DO SUL	52
28 ANOS DE ATRASO	53
CLÁSSICO DOS CLÁSSICOS	57
PRÉLIO DAS MULTIDÕES	58
CLÁSSICO DA VERGONHA	60
CAUSOS PRETOS, AZUIS E BRANCOS	63
EUCALÍPTOS GOLEADORES	67
O REI PISA NO PASTO	71
SIMPÁTICO CHAPÉU	72
SÓ FALTA UM TEMPLO	76
O FIM	81
CATARINÃO	82
DO AVAÍ	85
O ESPETÁCULO TEM QUE CONTINUAR	88
REFERÊNCIAS	94

0 Início

Não podia terminar de outro modo a história desse estádio.

Logo após a partida fatídica que colocou ponto final nos 53 anos de bola rolando, entre Avaí e Figueirense, no dia 22 outubro de 1983, o circo Vostock pedia passagem para montar sua lona no pasto que deixaria saudades ao desporto catarinense.

Merecia muito mais. O estádio se despedia da sociedade com um jogo entre os veteranos dos dois maiores times de Florianópolis, os únicos sobreviventes da década de 20 - quando o Adolpho Konder ainda era um projeto de campo, mais do que nunca um pasto com alguns riscos em seu “gramado” para limitar o ground.

Muito diferente do festão do dia 11 de maio de 1930, quando começava oficialmente a história do estádio que homenageava o presidente do Estado. Nesse dia, o Campo da Liga ganhava três pavilhões de madeira, muro em torno do estádio, cerca em volta do gramado e vestiários. O pavilhão central recebia o nome de Coronel Pedro Lopes Vieira em homenagem ao presidente da Federação Catarinense de Desportos, ex Liga Santa Catharina de Desportos Terrestre.

Na verdade, parte da comemoração aconteceu no dia 11, em um domingo, mas com a morte do eminente parlamentar Felipe Schmidt, apenas os eventos esportivos foram

programados para a cerimônia, como corrida de 100 metros, Corrida de 400 metros, lançamento de peso, salto em distância, a corrida de estafetas e o voleibol.

O Avaí, que mais tarde se tornaria o proprietário do Adolpho Konder, e o já falecido Tamandaré, foram os encarregados do evento principal, representando o esporte jogado com os pés. Presenciado por um bom público para a época, o *Avahy Foot-ball Club* – que começaria a ser chamado de Avaí a partir de 1938 – venceu a partida por 3 a 0 e Sabas foi o primeiro jogador a marcar um gol no *Majesto*, como foi carinhosamente chamado pela imprensa por causa das suas modernas instalações.

Sabas foi o primeiro a marcar, também, dois gols na nova dependência. Depois de Otávio assinalar o segundo tento da partida, o pioneiro deixou mais um, o terceiro e último da inauguração.

A história desse palco desportivo, porém, não começa nesses meses que antecederam o golpe encabeçado por Getúlio Vargas para dar fim à República.

O MAIOR DO ESTADO

Antes da inauguração oficial, contudo, há muito a se contar sobre o “campinho” que ali existia. Por cerca de 15 anos, o local já servia como espaço para a prática futebolística e essa história, praticamente esquecida, acrescenta e muito para a concretização do que viria a se tornar o símbolo do desporto catarinense por mais de cinco décadas.

A área de cerca de 15mil metros quadrados não era um terreno ou pasto qualquer, mas sim o local escolhido em 1915 pelo Sport Club Palmeiras, fundado no mesmo ano, para impulsionar, também como proprietário de um campo, a rivalidade com o Club Sportivo Florianópolis – ex Anita Garibaldi, fundado em 14 de julho de 1912.

Até então, o Florianópolis detinha o campo entre as ruas Brusque (atual Altamiro Guimarães), Heitor Luz (Bocaiuva), e o que hoje é a rua Rafael Bandeira (ainda inexistente). Ali, à época bairro São Luiz, junto a Praia de Fora (atual Beira-mar Norte), eram realizados a maioria dos jogos até a construção, em 1915, do Ginásio Santa Catarina (atual Colégio Catarinense).

Qual a melhor maneira possível de irritar um rival? Tornado-se vizinho dele. Foi aí que, inspirados pelos embates entre as forças em conflito na I Guerra Mundial, os dois clubes iniciam uma acirrada disputa extra-campo em Florianópolis

São do jornal **O Estado**, de 21 de agosto de 1915, os primeiros registros da construção de um novo ground no local para a prática do esporte bretão. Graças a intervenção do dr. Ulysses Costa, o. ex. dr. Secretário Geral cedeu a directoria do Club Palmeiras, alguns canos para o desvio de um pequeno curso d'água no ground do mesmo Club. O sr. Barbosa foi um dos mais interessados para que se obtivesse tão grande favor, pedindo para isso a valiosa intervenção do estimado Chefe de Policia.

Em menos de dez dias, o Florianópolis daria o troco e anunciava no mesmo periódico a pretensão de muito em breve mandar cercar todo o seu ground. Segundo o próprio jornal, o melhoramento traria grandes vantagens ao symphatico Florianópolis.

Já em outubro, o periódico **A Tribuna** dedicou um bom espaço – considerando o pouco destaque às notícias desportivas - para informar à população sobre o andamento da nova praça desportivo. As atividades de drenagens continuavam apressadas e, segundo a comissão do campo, ainda antes do final daquele ano, os jogadores do querido Club Palmeiras poderiam fazer os trainnings em sua propriedade.

As obras não saíam tão rapidamente como destacado pela mídia. Os registros dessa lenta construção de um novo espaço para o futebol indicavam que depois de completamente terminadas as obras, o ground do Palmeiras, feito no limite máximo determinado pelas regras do football, seria o melhor deste Estado.

Desfaz-se, assim, uma das grandes confusões feitas por parte daqueles que

documentaram de alguma forma os acontecimentos esportivos da época (desde publicações sobre o a história do futebol catarinense, até os jornais atuais), onde apresentam o Campo da Liga, e mais tarde o Estádio Adolpho Konder, como sucessores do campo do Florianópolis.

O novo gound, que fica situado à rua Bocaiuva, em frente ao Club Sportivo Florianópolis, está sendo construído no limite Máximo regulamentar, devendo ter a área do campo 119 x 80, o que o fará o mais amplo de todo o Estado, publicou o jornal **O Dia**.

Fotos anteriores demonstram que no espaço entre a Avenida Mauro Ramos e a Rua Altamiro Guimarães – onde existia o estádio e atualmente está abrigado o Beiramar Shopping – ainda não constava a existência de um terreno apto para a prática do esporte.

O terreno do campo do Florianópolis pertencia à família Stodieck, não era cercado e era constantemente ocupado por festivais de várzea e treinos das equipes que disputavam o Campeonato Citadino, quando o Campo da Liga estava ocupado com jogos oficiais. Posteriormente, o campo mais antigo seria chamado de Campo da Bocaiúva, causando grande confusão, já que ambos situavam-se na mesma rua.

Ainda em 1915, a imprensa lastimava que o Governo, consoante o que fazem todos os outros Estados da União, não tenha querido auxiliar a thesouraria do Palmeiras. Bastaria apenas, segundo A Opinião, que ao Club Preto e Branco fosse concedido o mesmo auxílio prestado pelo então Governador Sr. João Pinho, ao Club Náutico Riachuelo - que havia sido fundado no dia 11 de junho daquele ano, com auxílio financeiro público.

E sem ajuda dos governantes, já no nono mês de 1916, nada havia acontecido de concreto. O jornal **O Dia**, no entanto, assegurava que os trabalhos do campo já estavam bem adiantados, sendo de esperar que ainda neste mez de setembro, seja possível effectuar lá o Palmeiras os seus trainnings-matches.

MÁRTIRES DO TRABALHO

Ao final de 1916, quando eram efetuadas as obras para o aplainamento do referido campo, os operários Galdino Rocha, Sebastião Machado Alves e Luiz Claudino Goulart faziam a escavação de um barranco de 3 ½ de altura, quando este desmoronou, apanhando dois dos operários. O primeiro ficou completamente soterrado, morrendo instantaneamente, o segundo ficou com a metade do corpo enterrado, sendo o seu estado melindrosíssimo, era anunciado pelo **O Dia**, de 21 de dezembro daquele ano.

Este acidente envolvendo o barranco situado ao fundo do referido ground, desvenda outro mistério: a procedência daquele local. O terreno onde se deu o horrível desastre é de propriedade da Irmandade do Senhor dos Passos e está arrendado ao Sr. Manoel Theodoro Silva, que o cedeu ao Club Palmeiras, era a notícia do mesmo dia em **O Estado**.

O lamentável acidente abalou a capital, mas despertou o espírito esportivo dos clubes. O desastre ocorrido no bairro São Luiz e que roubou a vida a um velho e honrado cavoqueiro, e que feriu gravemente

seu companheiro, que mais tarde também veio a falecer, abalou hontem, profundamente, a quietude da nossa vida urbana, pouco acostumada as emoções violentas dos crimes sensacionais e dos accidentes trágicos e vultuosos, serviu para demonstrar a cordialidade entre os clubes apesar da rivalidade desportiva.

Um belo gesto foi programado para o *ground* do Florianópolis: uma festa de caridade promovida pelo Sport Club Palmeiras e seu vizinho rival, proprietário do espaço do evento, em beneficio das famílias dos dois infelizes operários vitimas do desabamento.

Se bem que a concurrencia não fosse animadora, todavia a festa presidiu o enthusiasmo, o interesse pelo jogo que concorreu na melhor ordem. Os symphaticos clubs organizaram dois times mistos para a partida beneficente, além de outras atividades.

A atitude dos dois clubes foi muito elogiada pela mídia. Diferente da imagem dos boleiros do século XXI, as agremiações e seus atletas tiveram uma atitude exemplar, e foram cumprimentadas junto a seus *symphticos sportmen...* pela *bella festa*.

Os 109 contos de renda líquida da festa, somados a 31 contos obtidos em uma subscrição entre os empregados de Água e Luz, subtraída a quantia de 47 contos proveniente das despesas feitas *conforme recibos apresentados pela directoria* do S.C. Palmeiras, foram entregues às famílias das vítimas.

A benevolência tomou conta da cidade e o *humanitario clinico* Dr. Carlos Corrêa, com a generosidade que todos lhe reconhecem, recusou-se a receber quaesquer

honorários pela a sua assistência às vítimas do desastre, determinando que essa importância fosse entregue às famílias desses infelizes mártires do trabalho. A banda musical **Commercial** também fez a sua parte e tocou gratuitamente durante o festival.

Ao final desta trágica história, entretanto, uma boa notícia: o **Sport Club Palmeiras** já tem seu campo para trainnings. E, segundo **O Estado** do dia 14 de janeiro de 1917, os trabalhos nada deixavam a desejar.

ORIGEM DO CAMPO

Documentos datados em 1929 pertencentes à Irmandade comprovam aluguéis pagos pelo Estado a entidade proprietária do terreno – as raridades encontradas no memorial do Hospital de Caridade demonstram os valores cobrados entre outros detalhes eminentes, que infelizmente não foram cedidos por ordem dos diretores do hospital. A justificativa é que o acadêmico, assim como seu orientador, não são “irmãos”.

- Algumas atas da mesma época indicam reuniões dos mandatários para resolverem cobranças por parte da prefeitura em relação ao espaço – referente a calçamentos, por exemplo – e para que estes vencimentos fossem repassados aos inquilinos responsáveis pelo campo: o Estado, no caso.
- Em um balancete de Receitas e despesas da Federação Catarinense de Desportos, referente a novembro de 1935, aparece: Despesas, item 54: “Pago Hospital de Caridade, aluguéis do campo de setembro a outubro – 100.000 réis”.
- Outra curiosidade é que, em documentos similares, os diretores da Irmandade citavam um pedido do *Avahy Foot-ball Club* para deter prioridade em relação aos outros clubes para o uso do espaço.

CHUTEIRAS DEFORMADAS

Seria esse terreno, de propriedade da Irmandade Senhor dos Passos, um dos grandes responsáveis pela evolução do esporte em Florianópolis, e mais tarde, em Santa Catarina.

Nessa época, muitas agremiações existiam na capital do estado disputando torneios e partidas amistosas sem a chancela de uma entidade oficial. Por volta de 1924, portanto, os dirigentes dos clubes semearam a ideia de formar uma entidade que organizasse e regesse as competições em termos oficiais. Era fundada, então, a Liga Santa Catharina de Desportos Terrestres (LSCDT), tendo seus objetivos e fins, moldados na orientação prática de outras congêneres no Brasil.

Às 19 horas do dia 12 de abril de 1924, um sábado, nos salões do Ginásio Catarinense, representantes do Florianópolis, Figueirense, Trabalhista, Internato e Avaí, na perfeita harmonia e cordialidade, constituíram-se os fundadores da Liga. Embora não estivesse formalmente representado, o Externato também é considerado membro fundador

Luiz Alves de Souza era nomeado presidente, com Padre Dr. David Muller como vice, João Cupertino de Medeiros como secretário, Aguinaldo Souza e João Benício Cabral nos papéis de tesoureiro e Amadeu Horn como adjunto secretário - todos cargos em caráter provisório até a aprovação dos estatutos. Hercílio Luz, Governador do Estado, e Abelardo

Luz, prefeito, foram indicados para Presidentes Natos e Beneméritos.

Filiada a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), a LSCDT era fundada com responsabilidade de organizar o Campeonato Citadino com cunho estadual - já que à época a ponte Hercílio Luz, inaugurada apenas em maio de 1926, estava em obras impossibilitando a realização dos jogos intermunicipais. A formação da Liga também significava a primazia na organização de torneios, campeonatos e amistosos no Estado, incluindo a indicação do trio de arbitragem e a aplicação de penas e sanções.

E o antigo campo do Palmeiras era o escolhido para sediar às competições organizadas pela nova instituição esportiva. Nessa época, o Clube de Regatas Aldo Luz dizia-se proprietário do local por conta de uma suposta transação envolvendo o Governador Hercílio Luz e beneficiando o clube de regatas o qual lhe era simpático. Depois, a própria crônica esportiva passou a divulgá-lo como gramado de São Luiz por causa de sua localização, quando a Irmandade Senhor Jesus dos Passos comprovou a posse da referida área.

Mas o eterno pastoso *ground* ainda não estava apto para receber os certames e, em 1924 e parte de 1925, o Torneio Início e Campeonato Citadino seriam realizados ainda no Campo do Colégio Catarinense.

Para acelerar o processo, as agremiações filiadas à LSCDT promoveram um mutirão entre os comerciantes de ferragens e de material de construção da cidade. Após uma série de melhorias no gramado e a construção de uma cerca em volta do campo localizado na Praia de Fora, no dia 7 de setembro de 1925, era inaugurado oficialmente o Campo da Liga.

Mas não se engane com o termo “melhorias”. O Campo da Liga nunca – em época alguma – teve um bom gramado. Essa peculiaridade estendeu-se até o fim do Adolpho Konder, em 1983. Era coberto de capim rústico e de uma lama quase permanente que endurecia o piso no verão, tornando-o duro como se fosse de asfalto e no inverno, em épocas chuvosas, era molhado e escorregadio.

Tão duro e compacto era o piso que as travas das chuteiras enterravam na sola e deformavam o calçado. Os cordões eram amarrados por baixo das chuteiras e, assim sendo, ficavam puídos e necessariamente tinham que ser trocados sempre. A cada partida, os calçados enlameados tinham que ser “ensebados” para amaciar o couro. A deficiência de seu solo consagraria o apelido, anos mais tarde, de Pasto do Bode.

Mas esse era o “Campo da Liga”, local oficial para as partidas oficiais, e para a sua inauguração constava uma vasta programação de celebrações, além de um “Festival Esportivo” com a participação dos clubes filiados à LSCDT. O Florianópolis foi o grande vencedor, recebendo bronzes alusivos à data.

PASSO DE LESMA

Apenas em 26 de setembro de 1926, a Liga Santa Catharina de Desportos Terrestres foi reconhecida de utilidade pública pelo Governo do Estado e, em 15 de agosto de 1927, a LSCDT foi transformada em Federação Catarinense de Desportos.

Finalmente o campeonato organizado pela entidade poderia ser chamado de Estadual – entre 1924 e 26, os campeões do Citadino eram considerados os campeões de Santa Catarina. Mesmo assim, com um único time de fora da capital inscrito: o *Brasil Football Club*, de Blumenau. A entidade planejou organizar o campeonato com a participação de equipes de outras cidades, mas o precário sistema rodoviário existente na época – quase não havia pavimentação asfáltica – e a estrutura ainda instável dos clubes, inclusive da própria Federação, a fez mudar os planos.

Sendo assim, mesmo sem jogar, o time “estrangeiro” estava classificado para jogar a finalíssima contra o campeão da cidade. Realizada apenas em 1928, no dia 15 de janeiro, a final entre Avaí e o time de Blumenau terminou antes do apito final.

O *referee* Carlos Baptista foi substituído no intervalo da partida por Frederico Ewald por causa da atuação desastrosa e criticada por ambos as equipes. Ainda assim, quando a esquadra azul e branca ganhava por 3 a 2, o público (estimado em 400 assistentes), que

desembolsara 2 mil réis para assistir a partida, a viu terminar antecipadamente.

O Brasil abandonou o campo após um *penalty* nos minutos finais a favor dos avaianos.

O jornal **Folha Nova**, de Florianópolis, relatou a má atuação do árbitro responsável pelo segundo tempo do jogo: O senhor Frederico Ewald, todas as vezes que ia indicar o local onde havia ocorrido uma falta, caminhava a passo de lesma. Concluindo a crítica, o periódico brincou que em breve veriam o referee atuar sentado em uma poltrona.

A confusão seguiu até no registro do placar do embate. Dois gols marcados – um para cada equipe – foram prudentemente omitidos pelo árbitro. Pela súmula, Avaí havia vencido por 2 a 1 e sagrado-se campeão, na prática o jogo havia acabado 3 a 2. Accyoli e Sabas marcaram para os florianopolitanos e Natal para os blumenauenses. Como dois gols não foram assinalados na súmula, não há registro da autoria.

O erro seria corrigido mais tarde, em sessão de 17 de março de 1928, quando a Federação homologou o *Avahy Foot-Ball Club* campeão do Estado e enviou carta aos clubes, três dias depois, informando que, independente da apresentação do relatório do boletim, o jogo terminara 3 a 2. O time da capital comemorava seu segundo título seguido dos três conquistados nas quatro primeiras edições do torneio.

No ano seguinte, o time Azul e Branco – como já era chamado o Avaí - chegava à final contra o Brasil, em busca da terceira conquista consecutiva. A equipe de Blumenau chegara mais uma vez ao certame decisivo contra o atual campeão, e mais uma vez abandonaria o gramado antes da partida acabar. O clima hostil, as brigas em campo e outros fatos que causaram indignação aos atletas e dirigentes (queixaram-se da bola, do juiz Máximo Martinelli, mais uma vez, e da própria Federação pelo atraso de 30 minutos no início da partida) levaram o Brasil e desligar-se da Federação Catarinense de Desportos.

A competição de 1928 encerrava-se no dia 3 de março do ano seguinte pelo placar final de 4 a 1 e, apesar do desfecho desagradável, a FCD pode celebrar a filiação de novos membros.

Quatro equipes do interior – além do Brasil de Blumenau, Caxias de Joinville, Brasil de Tijucas e Independência de São José – inscreveram-se para o Campeonato Estadual e disputaram entre si uma vaga para a final em Florianópolis contra o Avaí, tricampeão da Capital.

O Caxias nem entrou em campo. Alegou que o telegrama informando a data e local do jogo contra o Brasil, em Blumenau, chegou em cima da hora e resolveu não viajar. No domingo seguinte, foi a vez do Brasil não ir a Joinville. A Federação estudou o caso e confirmou os blumenauenses na fase seguinte – não há registros do motivo.

No dia 24 de fevereiro de 1929, em Blumenau, jogando em casa, o Brasil superou o homônimo clube tijuquense por 6 a 0. Uma vitória histórica, a primeira oficial de um clube de Blumenau. E provavelmente o primeiro time a chegar a duas finais estaduais com apenas um jogo ganho em todo o seu cartel.

LUTO ESTRAGA A FESTA

O futebol crescia a passos largos no Brasil e no mundo e a primeira Copa do Mundo já era arquitetada para ser realizada no Uruguai. O esporte crescia também aos olhos da mídia e, com isso, as instalações do Campo da Liga se tornavam acanhadas, sem conforto e até com pouca segurança.

O Presidente de Santa Catarina, o itajaiense Adolpho Konder, sentiu-se sensibilizado pela carência de uma melhor estrutura na praça de esportes de responsabilidade do Estado e, em 1928, no mês de outubro, o congresso Estadual votou o auxílio de 10 mil contos para a construção de um estádio.

O local do Campo da Liga seria aproveitado e o dinheiro serviu para a construção de uma muralha elegante de cerca de um metro e 20 centímetros ao redor do estádio de alvenaria de pedras e tijolos, com três entradas independentes. Elegantes archibancadas com coberturas e dois pavilhões de madeira para as autoridades e diretorias dos clubes desportivos, um gradil em volta do gramado, e vestiários. As obras ficaram prontas em 1930 e no dia 11 de maio era inaugurado o estádio com o nome do responsável pela sua edificação.

Aquele grande campo, que outr'ora era um logradouro,

sem condições necessárias com seus baixos pantanosos, ao desabrigo dos sportsmen, transformou-se como por um encanto. Assemelha-se agora a um Estádio com todo conforto possível, oferecendo um agradável aspecto, de acordo com o atual progredimento da nossa capital e compatível com nossa cultura.

Foi aproveitada a comemoração do Dia do Esportista Catharinense e na programação, discursos, desfile de marinheiros, provas desportivas e apresentação de ginástica. Tudo para a reinauguração do Campo da Liga, agora com novo nome. Mas com a morte do parlamentar Felipe Schmidt, apenas os esportes foram realizadas, assim como o jogo entre Avaí e Tamandaré.

As solenidades, no entanto, foram adiadas para a terça-feira, dia 13, com a presença no pavilhão de honra do homenageado Adolpho Konder, do presidente do Estado em exercício, Bulcão Viana – então presidente do Congresso Estadual assumiu o governo pouco antes de terminar o mandato de Konder, quando este candidatou-se ao Congresso Nacional. Também estava presente o presidente do Superior Tribunal, desembargador Tavares Sobrinho, entre outros militares e políticos, incluindo prefeitos de outros municípios.

Outras competições esportivas, que haviam começado no dia 11, foram realizadas. Às nove horas da manhã, no *Lyra Tennis Club*, um torneio de tênis. Ao meio dia, reunião de todas as associações “concurrentes” no Quartel da Força Pública. Às 12h30min, em homenagem à Confederação Brasileira, passeata pela cidade, com início na praça XVII de Novembro (atual praça Getúlio Vargas ou Praça dos Bombeiros), culminando no novo estádio.

A passeata foi acompanhada pelas bandas de *elaries e música* da Força Pública (hoje Polícia Militar). Já no estádio, exercícios de *gymnástica suéca* - sistema de repercussão mundial até a segunda metade do século XX, tanto na educação física escolar como

na formação militar - eram executados pelos Aprendizes Marinheiros (da capital, do Estreito, de Itajahy, de Gaspar e de Bruque), trajando calças brancas e blusas azul-marinho.

As equipes do *Athlético Catarinense*, de calções e blusas brancas, e do Adolpho Konder F.C., com calças brancas e blusas verdes, também desfilaram nas ruas da cidade.

QUEM FOI ADOLPHO KONDER?

Filho do imigrante alemão Marcos Konder e Adelaine Flores Konder, Adolpho Konder nasceu em Itajaí, na velha Rua da Praia, hoje Lauro Muller, em 16 de fevereiro de 1884. Quarto dos cinco filhos do casal – a irmã caçula Maria foi a mãe de Jorge Bornhausen –, foi o 11º governador de Santa Catarina, de 28 de setembro de 1926 até 19 de fevereiro de 1929, quando candidatou-se ao congresso nacional.

Cursou o ensino secundário em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, e se formou na Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, em 1908, quando passou a exercer atividades políticas tomando parte ativa da Campanha Civilista em sua terra natal.

Em sua vida pública, iniciada em Itajaí - quando fundou e dirigiu o jornal *O Novidades* -, sempre defendeu os princípios liberais e teve três principais virtudes: a coragem, a perseverança e a fé.

Chefiou o Escritório de Guerra do Itamaraty, em 1913, e foi secretário da Fazenda, Obras Públicas e Agricultura do Governo Hercílio Luz até 1921, quando sai do governo para ser eleito deputado federal por Santa Catarina de 1921 à 1926.

Foi exilado em companhia de outros catarinenses em 1930 e voltou ao Estado três anos mais tarde para presidir o Partido Republicano Catarinense e se eleger deputado à Assembleia Nacional Constituinte em 1934.

Morreu em 24 de setembro de 1956 no Rio de Janeiro e seu corpo foi sepultado em Florianópolis, como havia pedido.

As 13h15, foi realizado o discurso de inauguração pelo presidente da Federação Catarinense de Desportos, o coronel Lopes Vieira, em homenagem póstuma ao senador Felipe Schmidt e aos esportistas mortos. O militar e cartola falou sobre as necessidades supridas pela construção do novo parque desportivo e salientou o esforço da FCD para realizar o feito.

Agradeceu, é claro, o auxílio de 10 mil contos prestado por Adolpho Konder, em proposta apresentada pelo deputado Arthur Costa e aprovada pela Assembléia Legislativa. Ofereceu, como gesto de gratidão, o nome do presidente ao estádio para a perpetuação da atuação do que foi feito *no sentido de difundir a educação da mocidade.*

Dois discursos de notáveis da capital ainda foram proferidos antes do capitão do 14º B. C. (Batalhão de Caçadores) Bittencourt, instrutor do *Athletico Catarinense*, às 13h30min, fazer o juramento de *Athleta* pronunciado em *una voce* por todos os componentes das associações esportivas formados em campo, *de mão estendida para as três bandeiras desfraldadas.*

- Incorporando-me á phalange desportiva, assumo o compromisso de dedicar-me com devotamento á pratica da gymnastica, e diffundir onde quer que

esteja o gosto pela educação physica e desportiva de colaborar com todas as minhas energias pra fazer do Brasil uma Nação forte, interessando a todos desta cruzada nacional; de cumprir rigorosamente ordens que receber dos meu directores, cujos instrucções, programmas e directivas executarei, mesmo com sacrifício dos próprios interesses; de concorrer para a formação de um typo forte de corpo e de alma tão viril quanto nobre, apto a defender a hora e dignidade de nossa Pátria.

A maravilhosa assistência de cerca de seis mil pessoas misturou hurras e aplausos frenéticos após o juramento, que repercutiram de todos os cantos do Majestoso.

Uma apresentação de educação física pela escola de escoteiros ocorreu após o juramento, e, logo em seguida, as provas escoteiras com corrida raza de 80 metros, armação de barracas, salto em distância, socorro a prestar à um ferido, avaliação de distância e corrida de estafetas. Concomitantemente, transcorreu a final do *wolley-ball*. Por último, às 16 horas, a grande final do Campeonato Estadual de 1929 com meses de atraso.

RESULTADOS DAS COMPETIÇÕES DO DIA 11:

- **Corrida de 100 metros** – modalidade realizada em homenagem ao Clube Náutico Aldo Luz. Vencedor foi Adhemar Conceição do Atlético Catarinense, obtendo o primeiro lugar com o tempo de 11 segundo e 35 décimos.
- **Lançamento de peso** – em homenagem ao Clube Náutico Francisco Martinelli, com Theodoro Blomkowski, também do Atlético Catarinense, sagrando-se vencedor num arremesso de 10,60m.
- **Corrida de 400 metros** – em homenagem ao Clube Náutico Riachuelo. Alfredo Fagundes, do Adolpho Konder venceu com o tempo de 60 segundos e três décimos
- **Salto em distância** – homenagem ao jornal **Folha Nova**. Pedro Andrade do Adolpho Konder venceu a prova com 5,51m de altura.
- **Corrida de estafetas** – Vitória da equipe do Atlético Catarinense na prova em homenagem à Prefeitura Municipal
- **Voleibol** – em homenagem a todos os desportistas. O jogo foi entre as equipe do Adolpho Konder e Escola de Aprendizes de Marinheiros. Vitória do Adolpho Konder por 2 sets a 0.

DESACATO À AUTORIDADE

Chegara a hora da disputa pela taça do Campeonato Catarinense do ano anterior. Era o ponto alto da festa. Por uma feliz e oportuna coincidência, um dos finalistas engrossava a lista de homenagens ao presidente licenciado: Adolpho Konder assistia, no Estádio Adolpho Konder, o time do Adolpho Konder Futebol Clube lutar pelo título.

Mas o Caxias F.B.C., de Joinville, e seu escrete, conseguiu arruinar o espetáculo. Atropelou a equipe da capital, tornando-se o primeiro campeão do interior. O primeiro tempo acabou com a vitória parcial por quatro tentos marcados pelos joinvilenses e apenas dois *goals* do time de Florianópolis. Na segunda metade, o goleiro do Adolpho Konder buscou mais três vezes a bola no fundo das redes.

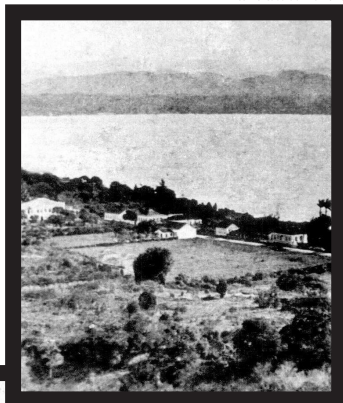
A partida foi encerrada pelo *referee* Oswaldo Meira quando o placar acusava 7 a 3 para os visitantes. Os artilheiros do Caxias foram Cirilo e Reeck com um gol cada e Cilo com dois. Raul Schmidlin foi o autor de três conclusões certas.

Antes de iniciada a partida, as duas equipes demonstraram *expressiva cordialidade* dos *sportsmen*. Os times trocaram *lindas corbelhas* em um gesto muito aplaudido pelos espectadores. Infelizmente, os nobres atos não foram seguidos por um poderoso militar.

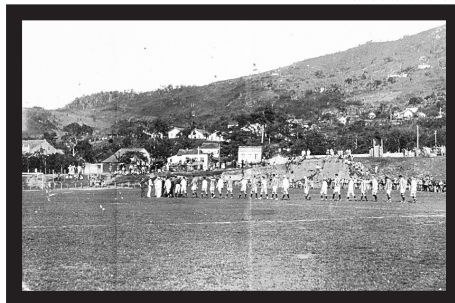
Fundado em 1926, o Adolpho Konder era o time da Força Pública e, como tal, era submetido às rígidas normas do coronel Pedro Lopes Vieira – também presidente da FCD. Inconformado com a goleada sofrida para o Caxias, o oficial mandou prender o goleiro Benedito por oito dias, sob a acusação de que o atleta **propositalmente procurou derrotar o seu quadro.**

A pena estendeu-se para um cabo da corporação, acusado de torcer para o time adversário. O pão cotidiano ele consegue na Força Pública, justificou o coronel.

Acervo Casa da Memória

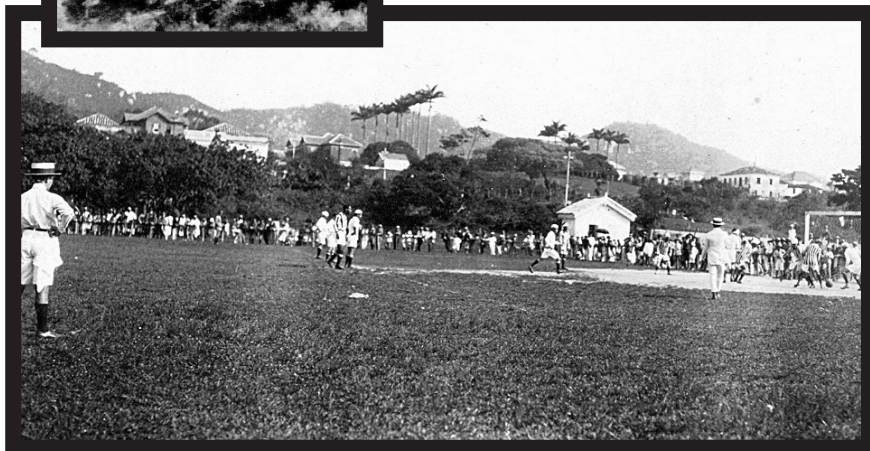


Acervo Casa da Memória



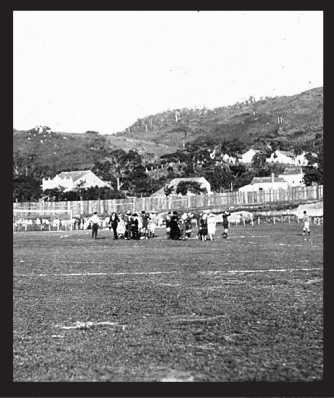
Os primeiros registros do “campinho”, anteriores a 1922

Acervo Casa da Memória

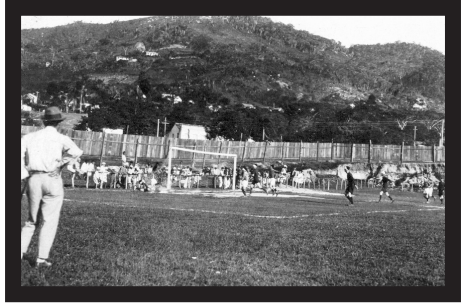


Primeiras partidas realizadas no campo do Palmeiras Sport Club, vizinho do Club Sportivo Florianópolis

Acervo Casa da Memória



Acervo Casa da Memória



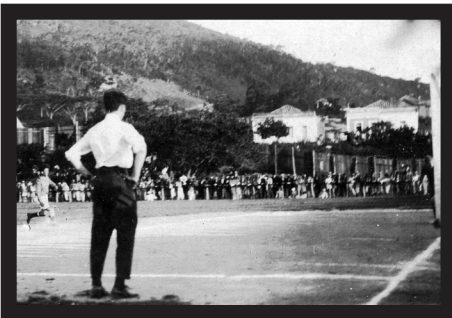
Acervo Casa da Memória



Campinho de várzea antes de se tornar o Campo da Liga, em partidas desconhecidas do início da década de 1920

Reprodução

Acervo Casa da Memória



Training-match dos symphaticos sportsmen



Inauguração do Estádio Adolpho Konder

43 anos de decisões

SALVO PELO AMADORISMO

A década de 1930 seria marcada pela troca de supremacia no Majestoso e no futebol catarinense.

O nome do Avaí, após conquistar o seu quinto título estadual em 1930, seria deixado de lado pelas manchetes para a ascensão do Figueirense. O clube preto e branco da capital igualaria o rival em número de vitórias no Estadual e também em conquistas de taças seguidas, na década marcada pelo primeiro campeão sem disputar a final, pelo campeonato que não acabou e pela primeira decisão entre times do interior. Todas elas com o Estádio Adolpho Konder como palco.

O jogo que valia a taça de 1931 estava marcado para o dia 24 de janeiro de 1932. Pela quinta vez seguida, a final do Campeonato Catarinense atrasava e seria disputada apenas no ano seguinte. Apesar da repetição negativa, havia uma boa nova. Dois novatos chegavam para disputar a partida decisiva: Lauro Müller, de Itajaí, campeão do Interior, e Atlético Catarinense, campeão do Citadino.

O adiamento em mais uma semana foi a gota d'água para o tricolor da capital - que já não andava muito feliz com as atitudes de Federação Catarinense de Desportos - e o Atlético não compareceu, no dia 31 de janeiro, ao Campo da Liga. A Federação decidiu,

então, pela suspensão do clube por WO (*walk over* – expressão inglesa para desistência) e deu o título ao alvinegro itajaiense, sendo o Caxias, vice.

Em 1932, o Brasil de Blumenau chegou a sua terceira final e a presença deste clube a uma decisão já virara sinônimo de confusão. Parece brincadeira, mas o último match do torneio estava marcado para o ano seguinte novamente e o alviverde do interior ganhou do Figueirense no começo de 1933. Após um empate em 1 a 1 no tempo normal, a equipe blumenauense saiu vitoriosa da prorrogação com um gol de Mário.

Como nada era simples, em se tratando de futebol catarinense, a Federação cassou o título inédito, alegando que o jogador José tinha trocado o Caxias pelo time de Blumenau pela quantia de 1.500 réis. Ao ferir o amadorismo vigente, o Brasil foi obrigado a se contentar com a oportunidade de conquistar, de vez, a taça almejada.

Quinze dias mais tarde, os dois *elevens* estavam de volta a campo e a partida pegava fogo. A rivalidade construída nos tribunais era refletida dentro das quatro linhas e o time blumenauense chegou a solicitar, em mais uma decisão, a substituição do árbitro Lourenço Eduardo Eustáquio dos Santos no intervalo do embate.

A solicitação não foi atendida. E, além de sentirem-se prejudicados pelo juiz e seu traje - considerado quixotesco pelo jornal **A Pátria**, com calça de zuarte (mescla), camisa sem mangas decotada e um boné com capa branca) -, o alviverde terminou a disputa em inferioridade numérica. O jogador Ferraz fraturou a perna e foi parar no hospital após uma dividida forte. Como não havia substituições, o Brasil terminou com um *player* a menos e viu o troféu, conquistado há duas semanas, ser tirado de suas mãos.

Em menos de um mês, o derrotado Brasil convidou o time campeão para uma revanche, em Blumenau, para demonstrar que o placar de 7 a 3 não passava de mera fatalidade. O troco de nada adiantou. O título estadual era do Figueirense Futebol Clube, o primeiro dos cinco conquistados na mesma década.

NA BOLA E NO PAU

O campeonato de 1933 teve 12 inscritos divididos em cinco grupos, mas nenhum deles teve o prazer de sagrar-se campeão. A tabela transcorreu normalmente até a FCD julgar a suspensão do jogador Féza, do Atlético Catarinense – não há registros do motivo da apelação. A Federação, que já vinha sendo criticada e chamada de “caótica e decadente” sob a presidência de Pedro Medeiros, paralisou a competição em novembro daquele ano.

Enquanto o Atlético reclamava mais uma vez à Federação pela possível punição, os demais clubes pressionavam para que ela fosse mantida. Nada resolvido e a entidade só voltaria à ativa em 1934, novamente sob o comando do coronel Pedro Lopes Vieira.

Foi com um rigoroso controle de gastos que o militar cobrou dos clubes que deviam à entidade e renegociou as dívidas da Federação junto à Confederação Brasileira de Desportos, desfilando-se da mesma logo em seguida. Mas a crise da FCD só estava resolvida na questão monetária e, ainda em 1934, o Estadual era realizado, após sete anos de expansão, apenas com clubes da capital. Todas as equipes do interior haviam se desmebrado após todas as confusões que impediram o término do campeonato.

Uma coisa boa sobrou de toda essa desordem: um campeonato, enfim, era decidido no devido ano.

O Atlético conquistou de forma incontestável o Estadual: seis vitórias e dois empates em oito partidas, com 31 gols prós e 13 contra. Na final do dia 4 de novembro, sob os cuidados do árbitro Aldo Fernandes, no Adolpho Konder, o Cruzeiro foi atropelado pelo placar de 7 a 2, com cinco gols marcados pelo atacante e artilheiro do campeonato, Leal (dez gols no torneio); um de Chocolate e outro de Nanado.

Já em 1938, houve a primeira decisão sem times da capital. Desde o ano anterior, os campeonatos voltaram a serem decididos depois da virada do ano. Ou seja, apenas em abril de 1939, no dia 16, mais precisamente, o antigo Campo da Liga recebeu o CIP (Companhia Itajaiense de Phosforo) e o Atlético de São Francisco do Sul. Méritos para o escrete de Itajaí, que marcou os dois únicos gols de partida: um de Coceira e outro de Nanga.

A decisão não ficou conhecida apenas pelo ineditismo de uma final interiorana, mas também pelos acontecimentos durante os 90 minutos da partida. O rubro-negro triunfou na bola e no pau quando seus atletas receberam elogios *pela exuberância e energia com que souberam batalhar ante agressividade brutal dos rivais*. Foi a primeira e última participação da Companhia em um Estadual.

JUIZ CAMPEÃO

De 1935 a 1939, o Figueirense de Calico e família Moritz entra em campo para a história do futebol catarinense, do clube e do Estádio Adolpho Konder.

Com a vitória por 4 a 2, em 1936, sobre o Avaí, o Alvinegro vence o arqui-rival de Florianópolis pela segunda vez seguida em finais. No ano posterior, igualaria, ainda, o recorde de tri consecutivos conquistados pelo *Azul e Branco* entre 1926 e 1928.

Carlos Moritz, o Calico, marcou em todas as três decisões: foi o artilheiro na campanha invicta de 1935 com nove gols marcados; superou duas vezes o goleiro Lua do Avaí, em 1936, na última partida do torneio; e consolidou a vitória por 2 a 1 sobre o Caxias, de Joinville, em 1938, válida pela taça de 1937.

O meia é até hoje um dos maiores ídolos do time e suas brilhantes atuações levaram-no a ser chamado de “Menino de Ouro”. Calico também foi o maior artilheiro da história do clube até 2010, quando Fernandes superou a marca de 94 gols marcados com a camisa alvinegra.

O sobrenome Moritz, porém, chamava atenção não apenas por Calico. Quatro membros da família participaram da campanha vitoriosa, em 1939, tanto no campeonato da cidade quanto no do Estado. O zagueiro Décio, o lateral-esquerdo Sidney e Nery, junto com Calico

no meio de campo, estavam na partida decisiva no Adolpho Konder, do dia 17 de março de 1940, ante o Peri, de Mafra.

A pelega intermunicipal era muito aguardada pelos simpatizantes do *soccer*. O Jornal **O Estado**, antes da decisão, afirmava que nenhuma decisão fora tão esperada até então, pelo *onze* de ambas as equipes serem muito bons e possuírem tantos *ases*.

Apesar da confiança de Calico - *já me acostumei às grandes pelegas. Estou certo de que venceremos* - registrada no periódico, o mesmo não apontava favoritos para disputa onde as possibilidades pareciam equilibradas.

A produção no transcurso do certame foi brilhante e marcada não apenas pela família Moritz, mas também pelo *referee*. A atuação de César Seara, porém, não ficou registrada por reclamações ou barbeiragens, apesar das várias expulsões frutos de jogadas violentas.

Seara era, por acaso, também o técnico do Figueirense e, para poder apitar o jogo, solicitou dez dias de afastamento do clube. Como não há registros de protestos por parte do derrotado, seja antes ou depois da partida, tudo indica que foi uma atuação no mínimo razoável visto a situação peculiar.

Calico, pela primeira vez não deixou sua marca em uma partida decisiva, mas seu irmão foi o responsável por deixar gravado o nome da família no cotejo ante o Leão da Fronteira. Nery marcou dois na vitória por 5 a 3, tornando-se o segundo Mortiz artilheiro do Campeonato Estadual, com quatro tentos acumulados.

Campeão, o juiz e técnico licenciado comemorou o quarto título do **Esquadrão de Aço** em cinco anos.

PORQUE EU SOU SAULZINHO

Nos anos 40, esse Esquadrao de Aço alvinegro é substituído pela Esquadra Azurra de Saulzinho, e o Avaí retoma a hegemonia em Santa Catarina, com quatro conquistas seguidas e seis finais disputadas, todas no majestoso Adolpho Konder. Poderia ter sido melhor caso o Avaí não tivesse o Ypiranga pela frente, em 1940.

- Na minha extrema garanto; vai haver muito golzinho; pra torcida eu deixo o pranto; porque eu sou Saulzinho - era uma das rimas infelizes que a imprensa publicou antes do certame decisivo do dia 3 de novembro.

- Pode escrever à corrida; sem fazer qualquer careta; venceremos a partida; quem disse foi seu Nizeta - foi outra quadra referente ao meia direita do *Team da Raça* e ao favoritismo do *eleven* que jogava em casa.

A agremiação de São Francisco do Sul, que detinha as mesmas cores do clube da capital, não se intimidou com a diferença de estrutura em comparação aos cinco vezes campeão de Santa Catarina. Com menos torcida, nenhuma taça e jogando fora de suas dependências, o Ypiranga passou por cima das cantorias pitorescas da mídia e segurou o *Eleven Azurra* de Florianópolis.

Vestindo camisa amarela com golas e punhos verdes e calções brancos, para distinguirem-se dos anfitriões; Marona, Walter, Adelino. Tito, Pedro Lemos, Rubens, Arturzinho, Gato, Bujão, Pedrosa e Tassuvinha contiveram a pressão de tudo e todos na primeira metade da final. No segundo tempo, Bujão superou o goleiro Joel e marcou o único gol da partida, para a surpresa do público, jogadores do Avaí e do jornal **A Gazeta**, publicadora dos versinhos.

Para não ficar mais feio, o periódico creditou a conquista do time de São Francisco do Sul à sorte em um jogo em que o Avaí demonstrou melhor eficiência técnica e maior combatividade e ardor.

ESQUADRA AZURRA

Antes do tetra azul e branco, o Figueirense ganhava mais um campeonato em 1941, desempatando a disputa pelo maior número de títulos estaduais entre os rivais da capital. Na partida decisiva, a família Moritz não poderia passar em branco. Calico marcou dois dos três gols da vitória sobre o Caxias e garantiu ao Alvinegro a taça Arthur Friedenreich.

Mas no ano seguinte, a **Esquadra Azurra** - apelido inspirado na “Squadra Azzurra” Itália, bicampeã mundial em 1934 e 1938 - exibiu a supremacia que perdurou pelos quatro anos seguintes. Pela segunda vez em Santa Catarina, o campeão não jogou a partida final e, em 1942, o América telegrafou à FCD o comunicado de ausência apenas dois dias antes da data marcada para o confronto no Adolpho Konder.

“Por motivo de força maior”, no dia 4 de outubro de 1942, o Avaí iniciava o período mais vitorioso de sua história com um WO: quatro jogadores do América serviam ao Exército e, devido à II Guerra Mundial, foram impedidos de deixar Joinville. Invictos, Adolfinho, Saulzinho – artilheiro com três gols no torneio – e o *bando avaiano* recebiam pela primeira vez a taça de campeão.

No ano seguinte, o América teria a chance de uma revanche e começara bem, vencendo em casa por 3 a 1. O calendário já apontava o ano de 1944, mas o título valia por 1943,

quando no embate de volta, em Florianópolis, o Avaí ganhou por 7 a 3 e, de acordo com o regulamento, fez-se necessário uma prorrogação de 30 minutos para o desempate.

Era a primeira disputa pelo título catarinense nessas circunstâncias e o time da casa venceu, também no tempo extra, ao marcar outros sete gols assinalados e mais um anulado por Leleco – o árbitro Carlos de Campos Ramos apitava a sua terceira e última final de Estadual. No placar agregado do dia 23 de janeiro de 1944, um resultado histórico: 14 a 3 para a Esquadra Azurra, com três tentos de Saulzinho, quatro de Bráulio e cinco de Felipinho.

Saul de Oliveira era bicampeão do Estado junto ao *grêmio azul e branco da capital* e pela segunda vez como artilheiro da competição. A saga avaiana continuou pelos dois anos seguintes com vitórias sobre o Marcílio Dias, por 5 a 3, na final de 1944, e 7 a 2 no placar agregado da final de 1945, contra o Caxias.

Curiosamente, o Avaí disputou o Estadual de 1944 sem competir em Florianópolis profissionalmente. Como nenhum clube se habilitava a disputar o campeonato (somente a Esquadra Azurra estava inscrita na Federação), o Avaí foi automaticamente declarado o Campeão da Capital.

O tetracampeonato inédito, como de praxe, só pode ser comemorado em fevereiro de 1946 e Saulzinho era mais uma vez o artilheiro do time e do campeonato, com seis gols.

A MÁQUINA AVAIANA

O time de 1942 do Avaí era uma máquina e não por acaso era chamado de Esquadra Azurra. A equipe começou o ano com uma vitória avassaladora em cima da Seleção do Vale do Itajaí por 10 a 2 e no dia 18 de fevereiro recebeu o Sport Clube Recife.

O Sport tinha sido campeão invicto de Pernambuco e realizava uma excursão por todo o Brasil - passando por São Paulo, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Bahia, Paraná e Rio Grande do Sul - para uma série de jogos amistosos. Estava invicto até enfrentar o Team da Raça no Adolpho Konder.

Adolfinho, Pinheiro, Diamantino, Fatéco, Chocolate, Minela, Amorim, Nizeta, Loló, Bráulio (depois Ari) e Saul (depois Calico) foram os responsáveis pela vitória por 4 a 2 sobre o timaço nordestino que tinha Ademir "Queixada" de Menezes – futuro artilheiro do Brasil na Copa de 1950. Saul e Nizeta marcaram dois gols cada.

Logo em seguida, também no Majestoso, uma vitória por 7 a 1 sobre o Atlético de Imbituba, um 5 a 1 sobre o Figueirense outro 5 a 1 contra o América de Joinville. Em maio, 9 a 3 sobre o Iris e 8 a 0 no Tamararé.

Mais três vitórias sobre o rival preto e branco da capital: 2 a 1, 6 a 2 e uma goleada história na final do Citadino por 10 a 2.

Teria ainda uma goleada por 6 a 1 em cima do Hercílio Luz na última partida pelo Estadual antes do WO que deu ao Avaí o título catarinense e um 3 a 1 sobre o Libertad, Campeão paraguaio, em partida amistosa.

O ano poderia ter sido fechado com chave de ouro, não fosse o vexame no amistoso contra o Canto do Rio, em pleno Adolpho Konder, também por 6 a 1.

CLÁSSICO DA AMIZADE

Foi antes de fazer história com os quatro campeonatos estaduais consecutivos que o *Eleven Azurra* deixou outra marca registrada até os dias atuais.

Era 1945 e o Paula Ramos – fundado em 1937 - debutara no futebol profissional no ano anterior já tomando uma goleada de 11 a 0 para o Crispim Maia. O algoz, desta vez, seria o Avaí. O jogo era válido pelo Torneio da Cidade. O dia era 13 de maio, e o estádio era o Adolpho Konder.

Waldemar Fornerolli – ex atleta do Avaí e Figueirense - foi o encarregado de “ajudar” o Tricolor da Praia de Fora. Recrutados alguns amigos, o Paula Ramos estava pronto para a peleja, mas já na primeira metade do certame, depois de muita pancadaria, o árbitro Francisco Prazeres expulsou três atletas da equipe improvisada, que havia iniciado bem ao marcar o primeiro tento.

Dali em diante, gols e mais gols para a agremiação em vantagem numérica. A partida, conhecida mais tarde como o clássico da amizade, terminou com o placar em 21 a 3. Quinze gols marcados na primeira etapa, e mais nove marcados pelo time vitorioso no tempo complementar. Carioni, Agenor e Lotar pouco comemoraram os golzinhos que fizeram pelo Tricolor, enquanto Nizeta, sozinho, marcou quatro. Felipinho, Sapinho e Saul fizeram cinco cada um.

O placar, pelo que se sabe, acabou com a fraternidade entre as duas agremiações.

CÉLEBRE REFEREE IMPORTADO

A decisão do Campeonato Catarinense voltou ao Adolpho Konder em 1948. Como, em 1946, uma severa punição aplicada pela Confederação Brasileira de Desportos à FCD impediu a entidade de organizar competições por um ano: nada de campeão neste período.

Algumas versões defendem que o cancelamento foi causado pela II Guerra Mundial, mas foi a sentença de retaliação. Santa Catarina e Paraná disputavam uma competição de Seleções e a peleja de ida, em Florianópolis, foi extremamente violenta, terminando em 2 a 2. Com os ânimos acirrados pela imprensa paranaense logo em seguida a primeira partida, renunciava-se outra guerra no jogo de volta e os catarinenses, então, recusaram-se a viajar ao Paraná.

Em 1947, por sua vez, após 16 jogos decisivos disputados no Majestoso, seguidamente – mais três quando ainda era Campo da Liga –, a partida final ocorreu em Blumenau, com a derrota do Palmeiras (antigo Brasil) jogando em casa para o América de Joinville. No campeonato de 1948 – finalizado mais uma vez no ano seguinte – o Paula Ramos tinha a chance de sagrar-se pela primeira vez campeão, enquanto o América chegava pela quarta vez a uma decisão (a terceira no Adolpho Konder) e tentava triunfar pela segunda em série.

O campeonato seria decidido em uma melhor de três embates após uma série de confusões

durante o torneio: o América chegara a comemorar o bicampeonato, com dois pontos a mais que o Paula Ramos na classificação geral. Dirigentes do time da capital descobriram que o arqueiro Gonzaga, do América, havia jogado de forma irregular na primeira rodada do retorno, contra o próprio Paula Ramos e decidiram entrar com recurso junto a Federação.

Por quatro votos a um, o Tribunal de Justiça Desportiva decidiu pela anulação do confronto e foi marcado um novo encontro entre as duas agremiações. Com o empate em 2 a 2, ambos terminaram com os mesmo número de pontos.

Realmente uma batalha para o alvirrubro joinvilense. Dentro e fora de campo. Além de ter perdido para o tricolor da capital por 5 a 3, em seu domínio, na partida de ida, o América dependia de duas vitórias em Florianópolis para realizar o feito inédito de um clube do interior ser duas vezes campeão estadual.

Após a vitória no segundo cotejo por 2 a 1, a negra do dia 24 de abril de 1949 terminou em 1 a 1 sob uma tempestade que deixou o campo em péssimo estado – mais do que sempre foi. O certame foi realizado, apesar das circunstâncias adversas, porque o renomado *referee* carioca Mario Viana – “importado” para a finalíssima - tinha um compromisso no Rio de Janeiro no dia seguinte. E a prorrogação ainda foi adiada por falta de luz natural – e não pelo chuva - para a manhã seguinte, às oito horas.

No dia 25, mais sofrimento. Com um preliante a menos, o Tricolor sofreu uma enorme pressão do América, com direito a duas bolas na trave e outra salva em cima da linha pela defesa paulina. O placar em branco adiava mais uma vez essa história que parecia não ter fim.

Após briga nos tribunais e uma melhor de três partidas, o campeão seria conhecido na “loteria” das cobranças de penalidades. Nicácio, autor do gol do Paula Ramos do dia 24, passou de herói a vilão do clube em menos de 24 horas, ao cobrar mal duas das cinco tentativas facilmente defendidas pelo goleiro Raul.

América, bicampeão catarinense.

PASTO DO BODE

Foi no início do anos 50 que o Adolpho Konder, ainda chamado carinhosamente por Campo da Liga, recebeu o apelido de Pasto do Bode. Não se sabe a procedência ou exatamente a data da brincadeira, apenas que ela seria levada até que a última touceira fosse arrancada de seu gramado.

Nessa época, era atribuído ao senhor Valeriano Machado Soares, o Valóca, os cuidados do estádio. Como zelador, Valóca atendeu a um pedido de seu velho amigo Zé Fontes – proprietário de um sítio no Córrego Grande – e também a sua necessidade de carpir aquela imensa área com farta quantidade de capim ao redor do campo.

Ao alimentar as cabras do amigo, sem qualquer despesa, o zeloso Valóca poupava-se também de um cansativo trabalho extra. Mais tarde, Zé Fontes mandaria um casal de carneiros, uma vaca, patos, galinhas d'Angola e até galos de briga ao Majestoso para se alimentarem. A brincadeira tomou proporções maiores, até que uma foto foi montada com um bode no meio campo e o apelido pegou de vez.

Outrora, a bicharada era tanta que, em certa ocasião, o árbitro se viu obrigado a paralisar um jogo para que uma das galinhas fosse enxotada para fora de capo com seus respectivos pintinhos – há quem diga que boa parte dos filhotes não saiu viva da situação.

WALDEMAR NAZÁRIO, O TERRÍVEL

Conhecido como o terrível zelador do Campo da Liga, Waldemar Nazário sucedeu Agapito Veloso nos cuidados do Adolpho Konder e depois foi sucedido por Valóca. Arbitrário e gritão, o zelador e porteiro da Geral do velho estádio exalava respeito e impunha medo nas crianças que tentavam entrar como companhia dos mais velhos ou tentava pular o muro.

- Acompanhamento só em procissão, dizia o velho zelador.

Enquanto muitos faziam furos de canivete no portão grande da Geral para espiar as partidas, Waldemar pregava sarrafos por cima dos orifícios para impedir que olhassem pelo buraquinho. Seu mau humor era notório e “a lenda” dizia que era conseqüência de uma dor de fígado.

Considerado um terror, vestia sempre seu terno azul marinho surrado. Quando conseguia capturar o momento de alguém pulando o muro, chamava o seu filho, o marmanjo Valdir, para colocá-los para a rua.

FEDERAÇÃO CATARINENSE DE FUTEBOL

Em 1951, a Federação Catarinense de Desportos transformou-se em Federação Catarinense de Futebol oficialmente. Na prática, a entidade já tinha vínculo quase que inexistente com os outros desportos. É o ano em que o América sagrou-se pela terceira vez campeão catarinense, desta vez sem perder nenhuma partida, derrotando o Avaí de Saulzinho e Adolfinho, em pleno Adolpho Konder.

Apenas três anos mais tarde, nos torneios de 1954 e 1955, os jogos decisivos voltaram ao Majestoso com o bicampeonato do Caxias de Joinville, com vitórias sobre o Ferroviário e o Palmeiras de Blumenau. A façanha jamais repetida em Santa Catarina viria da forma pela qual as duas taças foram conquistadas: além de seguidas, ambos foram com campanhas invictas dos joinvilenses.

Em 1957 e 1958, o terceiro bi da década, desta vez conquistado pelo Hercílio Luz, de Tubarão. As duas vitórias foram sobre o Carlos Renaux, de Brusque, que participava da sua quinta final nos anos 50 - com aproveitamento fraco conquistou apenas dois títulos.

Na primeira conquista, Hercílio venceu por 2 a 0 o certame realizado no ano seguinte, com gols de Giovani e Ernesto. Pelo título de 1958, o confronto se repetiu, desta vez de forma dramática: quando perdia por 5 a 2 na segunda partida da decisão, o alvirrubro

de Tubarão buscou o empate nos momentos finais e forçou um terceiro jogo no Estádio Adolpho Konder. Já em 1959, a vitória da equipe do Sul do Estado lhe deu o direito de ser o primeiro time catarinense a disputar a Taça Brasil.

AVAIANOS E FIGUEIRENSES UNIDOS PELO MESMO TIME

“Depois de treze anos, o título estadual volta à metrópole catarinense” era estampado na manchete na seção Mundo dos Esportes, do jornal **O Estado**. E o Carlos Renaux perdia mais uma vez a oportunidade.

Foi o dia em que avaianos e figueirenses torceram para o mesmo time. O alvinegro havia sido eliminado na primeira fase do torneio, enquanto o alviceleste sequer tinha se classificado para o Estadual. Como mais de uma década havia passado sem uma comemoração na capital, não somente seus torcedores apoiaram o Paula Ramos, mas toda a população da cidade.

Apesar de toda a apreensão despejada sobre os onze preliantes paulinos, bastou a partida ser iniciada oficialmente por Gilberto Nahas, para o nervosismo ser externado em um grito de gol. Quando o ponteiro apontava apenas cinco minutos de bola rolando, Helinho tocou para Oscar na extrema direita, que deu um chute rasteiro em diagonal. O keeper Adalberto, da agremiação de Brusque, foi enganado pelo pastoso gramado do Adolpho Konder e não conseguiu evitar o tento. Ainda na primeira metade, Sombra ampliou o marcador.

O feito histórico do Paula Ramos era creditado ao técnico Hélio Rosa, ao goleiro Gainete, e aos atletas Marreco, Neri, Manoel, Zilton e Nelinho; Hélio, Valério, Oscar, Sombra e Zachi. E a festa foi

grande, com direito a invasão de campo, volta olímpica e comemoração no bar Katcipis.

O tesoureiro Newton Rosa, com a bandeira enrolada sobre o corpo, pulava como uma criança na rua em frente ao bar, sem se dar conta que 76.660 cruzeiro de bilheteria do jogo estavam no bolso de suas calças.

O Esporte Clube Metropol, fundado em 1945, começa a se destacar no cenário catarinense em 1960. Mas foi um ano antes que a história do time da Carbonífera Metropolitana, de Criciúma, mudou quando o filho do dono da companhia, Dite Freitas, viu no futebol a saída para conter o ímpeto dos mineiros por melhores condições de trabalho

A contratação de profissionais e as premiações por vitórias foram as principais providências para que, já em 1962, o time dos mineiros celebrasse o tricampeonato estadual, igualando o feito de Avaí e Figueirense.

A década, que foi de glórias para o carneiro verde e branco do sul do estado, não foi das melhores para o velho Campo da Liga. Apenas o segundo título do Metropol, em 1961, contra o Marcílio Dias, foi conquistado em solo majestoso. A partir daí, somente em 1968, na vitória do Comerciário, também de Criciúma, por 2 a 0 sobre o Caxias, foi erguida sobre o pastoso gramado da capital, depois de um campeonato marcado por decisões nos tribunais.

No ano seguinte, conquista do Metropol no antigo Campo da Liga e, dali, o velho Adolpho Konder ficaria órfão de decisões até 1973, quando foi palco, pela última vez, de um levantamento de taça do Campeonato Catarinense.

28 ANOS DE ATRASO

Desde o final de 1972, o Adolpho Konder já passara a ser, oficialmente, a casa do Leão da Ilha. Em 1973, depois de 28 anos sem conquistar o campeonato de futebol mais importante de Santa Catarina, o Avaí tinha pela frente o Juventus, do invicto em jogos decisivos Lauro Búrigo – campeão em 69 com o Metropol e com o América em 71, em cima do próprio azul e branco da capital.

A partida decisiva entre as duas agremiações quase não foi realizada naquele ano por conta de uma resolução do Conselho Nacional de Desportos (CND) que impedia disputas esportivas no período de férias dos jogadores. O presidente da FCF, José Elias Giuliari conseguiu, porém, junto ao Conselho, que o certame fosse realizada no dia 17 de dezembro.

Avaí e Juventus entraram em campo para o embate que poderia decidir o título. Na verdade, caso o time de Florianópolis não ganhasse, o campeão só sairia após a disputa da partida entre Juventus e Figueirense, válida pela primeira rodada da fase final, que havia sido adiada por causa da participação do Alvinegro no Campeonato Brasileiro. E esse atraso só poderia ser tirado na segunda quinzena de 1974. Cabia ao Avaí, portanto, garantir logo o título junto a sua torcida.

Às 21 horas, Rubens, Souza, Ari Prudente, Vilela, Orivaldo, Rogério, Zenon, Balduino, Paulo Roberto, Toninho e João Carlos eram os onze jogadores no gramado encarregados

de tirar quase três décadas de atraso para Leão da Ilha. Entre tantos nomes, um deles foi o escolhido para marcar a história daquela noite de segunda-feira quente no Adolpho Konder. Oficialmente a casa do Leão da Ilha

O Juventus havia empatado aos 36 do segundo tempo com Baio também em uma bola aérea – Rogério abriu o marcador aos 44 do primeiro tempo em um gol de cabeça. Faltando apenas três minutos para o término do embate, Balduino conseguiu uma falta após uma disputa confusa com Nei junto a área.

Na cobrança, Rogério atirou para a área por elevação. Balduino correu e de cabeça, na horizontal, deslocou Volnei, dando a vitória e o título do estadual para o Avaí.

Aerono Adalberto Muser



Década de 1960, já com edificações em seu entorno. Tempos de poucas decisões no Majestoso

Jornal O Estado do dia 17 de fevereiro de 1946, anunciava o duelo “pebolístico” válido, mais uma vez, pela final do ano anterior

O Estado, 17 de fevereiro de 1946



Reprodução



Arquivo



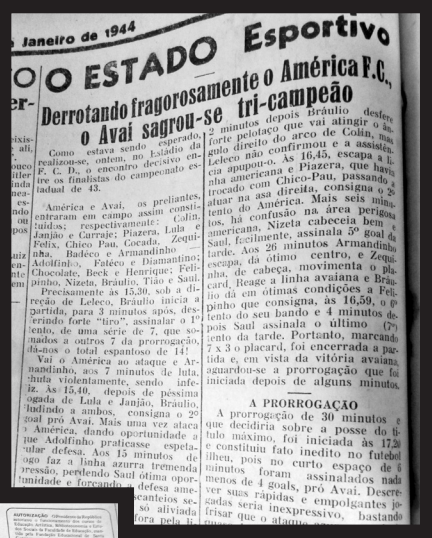
Panorâmica de Beira-mar Norte com o antigo Campo da Liga em evidência

O Estado, 17 de dezembro de 1973



Acima; Avaí conquista o título catarinense mais uma sobre o América de Joinville. Ao lado; o Team da Raça, tira um atraso de 28 anos e é campeão no seu Adolpho Konder

O Estado, 25 de janeiro de 1944



O ESTADO Esportivo
Derrotando fragorosamente o América F.C., o Avaí sagrou-se tri-campeão

2 minutos depois Bráulio desferiu forte pelotão que vai atingir o alvo, forte direto do arco de Colina, mas Ledeo não confirmou e a assistência americana e Piazeira, que havia treceado com Chico-Pau passando a bola com direita, consiguem o 2º gol para o Avaí. Mais seis minutos depois do primeiro gol, Nizeta cabeceia bem e escapa, da última defesa de Saul, facilmente, assinala 5º gol de tarde. Aos 26 minutos Armadinho, atacante, Nizeta, Tiao e Saul, escapam, da última defesa de Saul, facilmente, assinala 5º gol de tarde. Aos 26 minutos Armadinho, atacante, Nizeta, Tiao e Saul, escapam, da última defesa de Saul, facilmente, assinala 5º gol de tarde. Aos 26 minutos Armadinho, atacante, Nizeta, Tiao e Saul, escapam, da última defesa de Saul, facilmente, assinala 5º gol de tarde.

A PRORROGAÇÃO
 A prorrogação de 30 minutos e consistiu em um fato inédito no futebol catarinense, foi iniciada às 17h20, pois no curto espaço de 4 minutos foram assinalados nada menos que 4 gols, pró Avaí. Desencantadas seria inexpressivo, bastando dizer que o ataque de

Clássico dos Clássicos

PRELIO DAS MULTIDÕES

FLA-FLU Florianopolitano foi a primeira denominação para o maior e mais antigo clássico de Santa Catarina. Depois desta, muitas outras tentativas apareceram na imprensa para tentar rotular o que sempre foi, para as torcidas da capital, o Avaí x Figueirense. Nesta ordem, independente do mandante.

Muitos tipos de FLA-FLU surgiram após a primeira tentativa do jornal **A República** de 1937 – provavelmente em apreço ao futebol do Rio de Janeiro, muito evidente até a década de 1990 e visto até hoje. FLA-FLU Catarinense, FLA-FLU da Cidade, FLA-FLU de Florianópolis, Clássico FLA-FLU da cidade FLA-FLU Citadino, FLA-FLU Ilhéu, até FLA-FLU de nossos meios esportivos apareceu na mídia local.

Vieram as clássicas tentativas de aglutinação como FIAVA e AVARENSE. Assim como nomes mais ousados: de Clássico número um do “soccer” catarinense e Clássico da rivalidade à apenas Clássico ; de Cotejo MAXIMO da multidões até o Prélio das multidões, chegando ao O choque REI do

futebol citadino.

As inúmeras tentativas, na maioria frustradas, de encontrar uma denominação para o confronto, demonstra a grandeza que esse evento representa para os amantes ou não do futebol em Florianópolis. Tão grande é a rivalidade, que talvez explique porque nenhum apelido “pegou”: se algumas das torcidas concordou, algum dia, com algum dos apelidos, a outra, com certeza, desaprovou. Provavelmente só para ser “do contra”.

A disputa foi e é tão grande, que, entre os dois grandes da capital catarinense, nem mesmo a contabilidade dos jogos realizados, bate. A mais usada pela imprensa e também pelo Furacão do Estreito é a partir do livro Figueirense x Avaí: o clássico de Florianópolis, do historiador Jairo Roberto de Souza, que não contabiliza confrontos em festivais e torneios com partidas com menos de 90 minutos. Enquanto o radialista e comentarista esportivo Alexandrino Barreto, no livro Avaí Futebol Clube, considera vitórias por WO e resultados conquistados na prorrogação e nos pênaltis.

O que interessa é que são quase 400 confrontos entre os dois esquadrões e a maioria deles disputados no Majestoso: 177. Mais oito jogos quando ainda era o Campo da Liga. Considerando a soma, são 185 jogos com 76 vitórias do Avaí contra 63 do Figueirense; 46 empates e 658 gols assinalados: 368 do Leão, contra 290 do Furacão.

Antes de se chamar Adolpho Konder, o time azul e branco nunca perdeu para o preto e branco nas oito pelepas realizadas naquele local. Foram seis vitórias para o *Avahy* e dois empates, com 16 goals marcados e apenas três sofridos.

E o Campo da Liga por pouco – e pouquíssimos metros – não foi o local onde ocorreu a primeira disputa entre os rivais. No primeiro CLÁSSICO, no dia 13 de abril, um domingo, as duas agremiações realizaram a primeira partida oficial entre equipes filiadas. Deveria ter sido no Campo da LSCDT, mas como este não estava pronto, o certame foi no antigo campo da Rua Bocaiúva, vizinho do Pasto do Bode.

O primeiro Avaí x Figueirense só aconteceria no Campo da Liga a partir do clássico número 4, em um amistoso válido pelo Festival Clube Náutico Francisco Martinelli, no dia 18 de outubro de 1925, com Máximo Martinelli no apito. Boos, Silva, Botafogo, Elesbão, Zé Macaco, Joel, Zanzibar, Accioly, Frota, Aldo e Gaucho formavam o escrete avaiano que bateu o Figueira (a escalação não foi encontrada) por 1 a 0, com gol de Joel.

As maiores goleadas aplicadas pelo alviceleste foram no Adolpho Konder: avassaladores 11 tentos a 2 no Campeonato de Florianópolis de 1938. Dois anos depois do placar mais elástico estabelecido pelo Figueirense em cima do rival: 6 a 1, pelo Campeonato Catarinense. Também no Majestoso. Foi também em um FLA-FLU Florianopolitano que se deu um dos maiores acontecimentos depois da inauguração do estádio em 1930. Em 20 de julho de 1951, o Governador Irineu Bornhausen e o prefeito Paulo Fontes, após discurso de presidente da recém renomeada Federação Catarinense de Futebol, Flávio Ferrari, ligaram a chave geral dos refletores do Adolpho Konder pela primeira vez.

Era a primeira dependência futebolística no Estado a receber um sistema de iluminação e o primeiro gol noturno fora anotado por Bráulio, na vitória simples do Figueirense sobre o Avaí. Entre grandes acontecimentos, os dois rivais não poderiam deixar de serem os protagonistas, também, do maior vexame do futebol de Santa Catarina.

CLÁSSICO DA VERGONHA

E não haveria palco mais interessante para o Clássico da Vergonha.

O Adolpho Konder abriu seus portões para receber o Clássico dos Clássicos em uma partida amistosa em celebração aos sete anos do golpe de 1964. Foi em uma quarta-feira à noite, dia 31 de março de 1971. Todas as autoridades estavam presentes. Governador, Comandante do Exército, da Marinha, da Aeronáutica. Generais, brigadeiros e muitos outros representantes das altas patentes militares de Florianópolis.

O jogo era festivo e as arquibancadas estavam superlotadas: a entrada era franca. O amistoso servia como preparação para o Campeonato Catarinense que iria começar no domingo próximo - praticamente um coletivo de luxo para o estadual.

Estava tudo combinado para um lindo espetáculo, com hino nacional tocado pela banda da Polícia Militar e tudo mais. Só esqueceram de avisar o zagueiro Deodato, do Avaí, e o atacante Claudio, do Figueirense. Aos 10 minutos do segundo tempo, quando ninguém havia marcado gol, o defensor do Leão da Ilha cometeu uma falta violenta sobre o atleta do Alvinegro e uma briga generalizada se espalhou pelo gramado.

Apenas os dois goleiros e Souza, do Figueirense, não participaram da confusão. O famoso árbitro Gilberto Nahas não hesitou e expulsou os 22 jogadores – recorde nunca

mais registrado até os dias de hoje. O Almirante tentou convencer Nahas a voltar atrás e reiniciar a partida, já que cerca de 10 mil pessoas compareceram para “comemorar” a Revolução de 64. Mas não tinha mais jeito. A desordem era tamanha que não havia mais clima entre os dois elencos para continuar.

E tudo por causa de uma mulher. Só não se sabe de quem.

CAUSOS PRETOS, AZUIS E BRANCOS

Não se sabe a data exata, nem os detalhes com precisão, mas muitas histórias e estórias são contadas e repassados por jornalistas e jogadores que presenciaram os velhos tempos do velho Adolpho Konder

Os personagens juram que aconteceram.

1. Ainda na década de 1970, uma partida era realizada no antigo Campo da Liga entre as duas grandes potências da capital, que estava sendo vencido pelo Figueirense por 2 a 1, quando ao final do jogo, o atacante Tião Marinho recebeu a bola de Luiz Everton e caminhou livre para marcar o terceiro e derradeiro gol para o Figueira.

Inconformado com a situação desastrosa para o seu time, o roupeiro Afonso, do Avaí, saiu do banco de reservas, que ficava atrás das traves, e correu para dentro do gol tentando impedir a ampliação do placar.

Com a maleta de medicamentos e um balde em mãos – que seriam usados como armas contra a pelota inimiga -, Afonso não conseguiu evitar o *score* do Alvinegro. Não conseguiria evitar, também, uma das cenas mais bizarras presenciadas pelos amantes do “futebol romântico” de Santa Catarina em seu templo sagrado.

2. Nos anos 50, o Figueirense havia contratado o goleiro Doly da equipe carioca Canto do Rio - que fazia uma excursão por Florianópolis - para bater de frente com o rival Avaí e seu arqueiro Adolfinho – ídolo e referência embaixo das traves.

Em uma partida entre as duas equipes, o recém-contratado *keeper* do alvinegro corre em direção ao árbitro no centro do gramado, em determinado momento da partida, e sussurra algo no ouvido do mesmo.

Para a surpresa de todos presentes ao Pasto do Bode, o juiz interrompe a partida, momentaneamente, enquanto Doly corre até a lateral do campo, pega um pedaço de jornal que rodopiava próximo às arquibancadas e deixa o gramado, em direção ao vestiário, com uma das mãos sobre a barriga.

Dez minutos mais tarde, o atleta retorna a campo e acena, como se agradecesse, ao *referee* que, como se nada houvesse acontecido, reinicia a partida



Árbitro Gilberto Nahas expulsa os 22 jogadores de Avai e Figueirense na “comemoração” pelo golpe de 1964

Eucalíptos Goleadores

E teve de tudo no Adolpho Konder. Desde uma Exposição Internacional de Cães até uma prova de resistência em que um homem seria enterrado vivo, em um domingo sem futebol, e retirado no mesmo dia da semana seguinte, data que haveria um clássico entre Avaí e Figueirense no Majestoso. O faquir, chamado Hércules, não agüentou e foi retirado já na terça-feira.

O outrora, houve uma apresentação de luta livre, estilo “vale tudo”, combinado de encenação, combate e circo, também chamado de Telecatch – nome do programa da década de 1960 na antiga TV Excelsior. Mas nada se comparou às histórias e estórias das árvores goleadoras.

Os enormes eucaliptos, que existiam atrás dos gols, emolduravam o cenário do estádio. Eles formavam sombras que refrescavam os torcedores em dias ensolarados, serviam de arquibancada grátis aos mais arrojados e suas grandes raízes eram usadas como assento pelos jornalistas antigos. Seus galhos – tão compridos que invadiam as quatro linhas do campo – foram os personagens de dois grandes feitos no Pasto do Bode.

Uma das aparições da natureza artilheira aconteceu em um confronto entre Paula Ramos e Figueirense. Quando o clube paulino vencia a partida por 2 a 1, deu-se uma cobrança de escanteio. A bola, não menos esférica que outra qualquer, teve sua trajetória modificada ao resvalar em um dos galhos e caiu nos pés do jogador Sombra, que envergonhado tocou para dentro gol. O árbitro da partida, Lázaro Bartolomeu, validou a jogada, sob protestos dos jogadores do Figueirense e de seus simpatizantes.

E essa não foi a primeira vez que os eucaliptos se intrometiam nas disputas campais – talvez por uma competição botânica, a Figueira sempre saiu prejudicado. Anos antes, em outra peleja entre as mesmas agremiações, mais um lance da mesma magnitude enlouqueceu atletas, diretoria e torcedores do Figueirense. Ao ser lançada à área, a bola ficou presa sobre as ramificações deste lenhoso vegetal e o juiz, em seu

dever, paralisou a partida. Como na década de 1950 era comum ter apenas uma bola por jogo, os jogadores - munidos de tijolos, pedras, pedaços de pau, entre outros objetos - tentavam sem êxito acertar o alvo.

Apesar da dificuldade natural, somada à péssima pontaria dos atletas, um deles acertou a “gorduchinha”, que caiu na cabeça de Lomayer, jogador do tricolor, e ela rolou para dentro da marca do gol. O jogo estava empatado em 1 a 1 e mesmo com grande protesto dos atletas prejudicados, o juiz validou a jogada, que garantiu a vitória ao Paula Ramos. O jogo estava empatado em 1 a 1, e mesmo sob grande protesto dos jogadores alvinegros, o juiz validou o gol, que deu a vitória ao Paula Ramos.

fadfadsf



As grandes ramificações das árvores ao fundo. Garantia de sombra em dias ensolarados e gols em outros dias

fadfadsf

Eucaliptos próximos na extremidade virada para a Altamiro Guimarães



O Rei pisa no Pasto

SIMPÁTICO CHAPÉU

O Adolpho Konder e seu pasto foram palcos de inúmeras pelepas eminentes. Disputas de títulos do Torneio Início, do Citadino e do Estadual. Clássicos e jogos intermunicipais fazem parte do currículo do estádio da Federação. Sem contar as passagens dos grandes times brasileiros como Vasco da Gama, Flamengo, Fluminense, Botafogo, Bangu, Corinthians, Bahia, Sport Recife, Atlético Mineiro, Internacional de Porto Alegre, Grêmio, entre outros.

Algumas aparições de clubes estrangeiros deram um toque internacional ao Majestoso. A primeira, ainda como Campo da Liga, foi a visita do Capetown, equipe formada por marinheiros de um navio cruzador inglês atracado próximo ao Miramar. Depois, o AIK, da Suécia, o Dínamo, da Romênia, o Vodvojdia, da Iugoslávia, e a Seleção da Bulgária fizeram apresentações aproveitando a conexão Europa-Floripa.

Boca Juniors, Racing e Estudantes de La Plata, da Argentina; Nacional e Penharol do Uruguai; e Libertad do Paraguai, foram os *hermanos* que desfilaram seu *toco e me voy* por aqui. Nenhum deles – quiçá, a soma de todos -, representou mais que a presença, em 1972, do Santos e sua divindade Edson Arantes do Nascimento.

No dia do amistoso, o jornal **O Estado** já noticiava a chegada do Rei e seus súditos do litoral paulista ao Aeroporto Hercílio Luz. Muito solícito, Pelé atendeu ao grande público

que o recepcionou e concedeu autógrafos principalmente às crianças. O zagueiro Oberdan, companheiro de equipe, também era muito requisitado por ser natural da Ilha - o que o levou a entrar em campo carregando a faixa de capitão.

Antes de encontro, uma homenagem foi prestada pela Mesa da Câmara Municipal, por meio de seu presidente, Waldemar Filho, para a entrega de uma placa de prata ao Rei e a Oberdan – considerado exemplo de futebolista catarinense e um dos intermediários da participação santista em Florianópolis: única capital ao qual Edson não tinha participado de uma partida de futebol.

O ilhéu demonstrava ansiedade antes da partida e externava o respeito à qualidade do adversário:

- Acho tudo mais difícil pela amizade que cultivo em minha terra e jogar contra o Avaí será pior do que num clássico paulista - falou o catarinense, nervoso, por atuar pela primeira vez com o Santos em Florianópolis.

Já Pelé não demonstrava preocupação alguma com a apresentação do dia 15 de agosto. E durante a coletiva de imprensa, da tarde anterior, disse que desconhecia a equipe do Avaí, mas sabia que era uma das melhores de Santa Catarina.

Em campo, Rei e companhia não tiveram uma atuação de gala, como esperado pelos milhares de ilhéus que se aglomeraram nas pequenas dependências no Adolpho Konder. O Santos já não era o mesmo que encantara o planeta da bola no bicampeonato mundial, e Pelé também não era mais tão atlético como fora um dia.

Mesmo assim, em apenas cinco minutos, o atleta do século fez um lançamento comprido para o ponteiro Jáder, que correu até a linha de fundo e cruzou. Rubens pulou

mas a bola passou por baixo do seu braço e foi até Alcindo, que de dentro da pequena área tocou para o fundo do gol.

O placar adverso logo despertou a equipe da casa, que ameaçou o goleiro Cejas, por duas vezes, com finalizações de Lica antes do próprio atacante avaiano marcar aos 21 minutos ainda da primeira etapa. Ao receber passe de Moacir, correu até próxima à grande área do Santos e chutou forte no canto direito do arqueiro argentino.

O Leão dominava a partida e desperdiçou mais duas grandes chances antes do intervalo. Moacir, *sozinho com Cejas*, chutou muito forte por cima, aos 28 minutos e, aos 40, Toninho – *que jogou mal toda a partida* – recebeu de Ismael cara a cara com o arqueiro santista. Afobou-se e também tocou por cima.

Enquanto isso, a única oportunidade clara dos visitantes foi por meio do próprio Lica, ao desviar para *corner* um chute de Nenê. Com fome de gol, quase marcou também contra o próprio patrimônio.

Pelé apareceu novamente na partida para reclamar do árbitro José Carlos Bezerra. Após uma cobrança de tiro de meta do arqueiro Rubão, Arioaldo pegou a bola com a mão dentro da área e o Rei esbravejou pedindo a marcação de um pênalti. Bezerra mandou retornar à posição inicial, pois a redonda tinha que sair da grande área para o jogo ser reiniciado.

- Tu jogas e eu apito! respondeu ao craque.

Como no futebol quem não faz, toma, o peixe chegou à vitória com outro gol de Alcindo após nova falha dos zagueiros do Avaí. Mais duas oportunidades, aos 33 e 34, com Ismael e nada. Só o consolo para os torcedores de que o time teve chance de vencer e jogou melhor.

A entrada de Afonsinho no lugar de Léo, no intervalo, não surtiu efeito ao alvinegro praiano e o *Team da Raça* do comandante Zezé chegou a cogitar bater o poderoso Santos.

A torcida também. Mas a ingenuidade destacada pelos jornais impediu o ataque do eleven azurra de matar o jogo.

No vestiário todos estavam contentes com a atuação do time, só o técnico José Ferreira lamentava uma sorte maior. Toninho, triste no canto, era consolado por Rogério pela má atuação. O ponteiro era pretendido pelo Santos e sentiu-se pressionado durante a partida por uma boa apresentação.

Restou à Pele, que não teve uma exibição de gala, a crônica de Sérgio da Costa Ramos:

No liliputiano Adolpho Konder, num campo feito de barro e areia, substâncias pouco dignas de servirem de piso ao “Rei”, Pelé foi um jogador econômico e cauteloso, tocando a bola, ao invés de ficar com ela, como fazia antigamente.

Mas não deixou de dar mostras da perfeição que exerce seu honrado ofício: deu passes precisos em profundidade (...); tocou sempre a bola com sabedoria; chutou com apocalíptica violência e coroou o jogador Moacir - um dos melhores valores em campo - com um simpático “chapéu”.

Não fez gol, nem se empenhou muito, é verdade, mas permaneceu em campo os noventa minutos, em homenagem à torcida que pela primeira vez assistiu seu ídolo, jogando, humilde, em terreno acostumado a futebol tão menos nobre.

SÓ FALTA UM TEMPLO

Ao final do espetáculo, o craque do alvinegro praiano elogiou o adversário, mas reclamou das condições do gramado. É preciso um estádio maior para Florianópolis, pois este não oferece condições, enfatizou o Rei.

Não há números oficiais para contabilizar o público presente no amistoso, mas estima-se que cerca de 20 mil espectadores estiveram presentes no antigo Campo da Liga. A renda divulgada foi de 121,630,00 cruzeiros reais e os ingressos custavam dez, 20 e 50 cruzeiros reais na geral, arquibancadas e cadeiras, respectivamente. Cerca de 10 mil pessoas pagaram para entrarem no estádio, restando a outra metade dar “um jeitinho”, como anunciado pelo jornal **O Estado**.

A crônica “Só falta um templo”, do dia seguinte ao confronto, resumiu as necessidades desportivas tanto do Estado, quanto da capital:

Alguns degraus de arquibancada e algumas cadeiras de palha agrupadas à margem do campo, não foram suficientes para abrigar o reino de Pelé. No picadeiro do estadiozinho, talvez falte apenas a serragem para que um par de elefantes

se apresente e dê início a um conhecido espetáculo circense. Com a platéia escalando árvores e conquistando espaços inimagináveis nos muros do estádio e no telhado das residências adjacentes, o palco não podia ser mais pitoresco, nem mais provinciano para receber Pelé e sua corte.

Entrar no campinho terá sido uma tarefa mais penosa que a dos jogadores em perseguição da bola num terreno de areias movediças, moitas rebeldes e buracos em profusão. Quem conseguiu seu lugar ao sol, nas gerais ou nas arquibancadas, chegou bem cedo: antecipou o almoço ou levou marmitta, mas estava abrindo a fila de entrada pouco depois do meio-dia. Os retardatários menos ousados ficaram mesmo do lado de fora, amargando a frustração de perderem o único concerto de Pelé para a torcida catarinense. Mas quem não suportou tal sentença nem se preocupou com as leis da gravidade, fez-se mais leve que o ar, escalou muros e telhados, transformou-se em Ícaro e Tarzan, mas de sua árvore pôde ver Pelé.

Avai e Santos foi a prova mais rematada de que o futebol espetáculo tem mercado em Santa Catarina. Fiéis existem, só falta um templo.

Reprodução



Multidão aglomerada para ver o Rei passar

O Estado, 16 de agosto de 1972



Arquivo Adalberto Kuser



Seleção da Bulgária e o time do Avaí juntos na foto oficial do amistoso de 3 de maio de 1970

Acima, "uma tarde com Pelé" era a matéria do dia seguinte no **O Estado**; Abaixo, sua majestade desfila sobre solo pastoso

Arquivo



Arquivo Diário Garimense

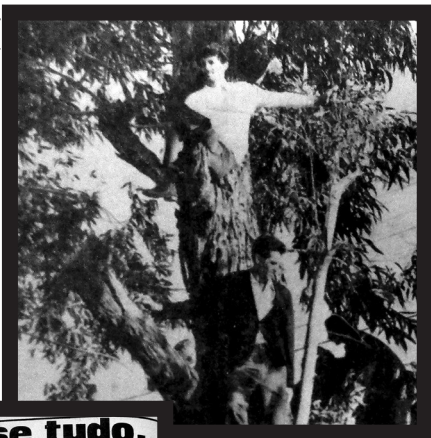


O Estado, 15 de agosto de 1972



Muitas crianças foram receber o craque no Aeroporto Hercílio Luz, no dia anterior ao jogo

Reprodução



O Estado, 16 de agosto de 1972

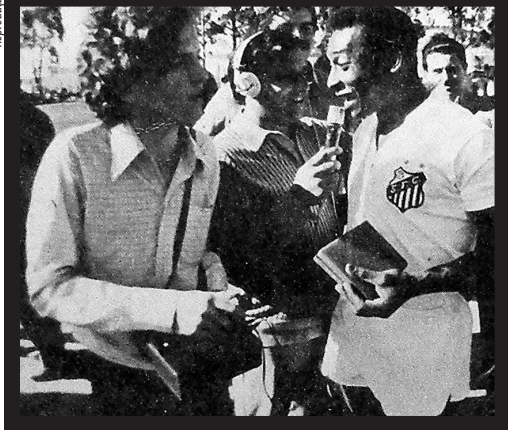


Ao lado, toda cobertura da partida inesquecível. O jornal O Estado acompanhou os passos do Rei desde a sua chegada até os momentos seguintes a partida

O Estado, 16 de agosto de 1972



Reprodução



Pelé recebe homenagem da Mesa da Câmara Municipal, uma placa de prata entre pelo presidente da entidade

Público fez o que pode para acompanhar a partida contra o Santos de Pelé. Os eucaliptos entraram em ação mais uma vez

Pelé jogou os 90 sem correr muito, mas o suficiente mostrar seu jogo ágil, sua "chapa" e a calma. Foi um jogo de grande importância. "Floriano" foi de um estado de ânimo que agora, minha, Santos

0 Fim

O Figueirense já tinha seu próprio estádio desde 1960, quando anos antes o empresário Orlando Scapelli – que mais tarde seria homenageado com o nome da edificação – doou um terreno no bairro Estreito para a agremiação alvinegra fundada na rua Padre Roma. O Avaí continuou o usufruto do Adolpho Konder e considerava o campo localizado na rua Bocaiúva cada vez mais como seu.

Mas ambos imóveis estavam aquém da potência futebolística da capital e do Estado. No final da década de 1960, a Federação deflagrou uma campanha para a construção do Estádio Estadual em Florianópolis, que colocaria Santa Catarina definitivamente em evidência. O governador Ivo Silveira prometeu dois bilhões de cruzeiros para as obras, em uma área de 150 mil metros quadrados perto da Universidade Federal – dez vezes maior que a área do velho Campo da Liga.

Em maio de 1969, o jornal **O Estado** estampou a maquete do “Catarinão” e informou que a praça esportiva acomodaria 55 mil pessoas. Seria iluminada por quatro postes com 43 metros de altura e 12 refletores cada, teria estacionamento com três mil vagas, além de pistas de atletismo, 127 banheiros e 20 cabines para emissoras de rádio e televisão. Dimensões equivalentes e/ou superiores ao Pacaembu,

em São Paulo, e ao Beira-Rio, em Porto Alegre. Medidas próximas às do Maracanã, no Rio de Janeiro, e do Mineirão, em Belo Horizonte.

O projeto, todavia, jamais saiu do papel.

Em 1971, o Campeonato Brasileiro é criado e, a ano após ano, mais clubes eram convidados para atender aos interesses eleitorais da Aliança Renovadora Nacional (Arena) – partido da ditadura que governava o Brasil. De olho nessa perspectiva, o sonho antigo do Avaí - e de seu presidente Fernando Bastos -, de se tornar de vez o dono do Adolpho Konder, começava a se tornar realidade.

Aproveitando o fato que o Catarinão não havia saído do papel, o primeiro governador do Estado eleito por voto indireto, Colombo Machado Salles, simpatizou com a ideia de doar o campo ao Avaí, com a condição de ajudar o Figueirense a melhorar e aumentar a estrutura do Orlando Scarpelli, entre outras benevolências a diversas agremiações do interior.

Fernando Bastos aproveitava a sua influência política como deputado estadual, e membro do partido da situação, para tentar concretizar as ambições do clube azul e branco. O primeiro passo foi conseguir que o governador encaminhasse ao presidente da Assembléia Legislativa, deputado Nelson Pedrini, no dia 29 de agosto de 1972, o *Projeto de Lei que autoriza o Poder Executivo alienar imóvel e dá outras providências*.

Com intenções do Governo em dotar Santa Catarina com as condições de infraestrutura indispensáveis ao seu desenvolvimento no setor esportivo, Colombo Salles confirma, no projeto de lei, que o Estado não vinha acompanhando os demais na evolução do setor futebolístico, afastando os catarinenses das grandes competições nacionais.

No documento, o governador reconhece que a melhor solução seria a construção

de um estádio estadual, mas confessa, em seguida, que não tem condições financeiras para tal. Como solução, voltaria às vistas para os dois Estádios já existentes em Florianópolis. Um de propriedade do Figueirense, outro há quase cinco dezenas de anos utilizado pelo Avaí Futebol Clube .

Ao Orlando Scarpelli, seriam proporcionados meios mediatos e urgentes a fim de adequá-lo às normas e condições exigidas pela CBD, para que pudesse abrigar os jogos do Campeonato Nacional. Ao segundo, seria procurado legitimas uma situação de fato, que a posse mansa e pacífica através dos anos estava, por justiça, a reclamar.

O projeto de lei 80\72 foi à votação nas Comissões de Justiça e Finanças e teria que ser aprovado por unanimidade. Um deputado do MDB, torcedor do Figueirense, não queria votar a favor e precisou ser convencido, com muito sacrifício, pelo partidário e integrante da mesma comissão, o itajaiense Delfim Peixoto de Pádua Filho – atual presidente da FCF.

Aprovado o projeto em reunião conjunta, depois pela Comissão de Viação, foi decretada pela Assembleia e sancionada pelo governador, no dia 18 de setembro de 1972, a Lei 4781, que autoriza a alienação do imóvel denominado “Estádio Adolpho Konder” em favor do Avaí Futebol Clube, entidade jurídica, com sede na cidade de Florianópolis. A Lei entrou em vigor no dia 27 daquele mês.

DO AVAÍ

O Adolpho Konder passou a pertencer ao Avaí, definitivamente, mas a sua estrutura precária – em evidência após o jogo contra o Santos - não poderia ser melhorada naquele espaço de apenas 15 mil metros quadrados. A infraestrutura das ruas e as novas edificações nas imediações do estádio impediam a sua expansão.

Como o terreno já havia adquirido grande potencial econômico pela localização privilegiada, coube ao presidente do Leão da Ilha, em 1977, Luis Carlos Spindola, propor uma troca por uma área maior no bairro Trindade. Havia, entretanto, uma cláusula de reversão na escritura pública de alienação e a Consultoria Geral do Estado – hoje Procuradoria Geral do Estado - não autorizou a negociação.

A restrição foi incorporada à escritura para que o Estado, como alienante, *reserva para si o direito de recobrar ou haver o imóvel objeto*, em caso de extinção da sociedade ora beneficiada

Cerca de dois anos mais tarde, o parecer do Consultor Geral do Estado Salomão Antonio Ribas Junior, do dia 23 de maio de 1979, aprovou um novo pedido do Avaí à supressão da tal cláusula para *com o produto da venda adquirir área maior, em zona municipal menos nobre*. A notificação obrigava, em contrapartida, *a gravar o novo imóvel com cláusula*

idêntica, para retorno do bem ao patrimônio do Estado, em caso de dissolução da associação.

Para que não fossem feridos os princípios da moralidade e da finalidade, foi entendido que a condição estipulada não poderia ser apenas excluída do ato – sob pena de abertura de sério precedente –, mas alterada, livrando os bens dos gravames que o impedem sua livre disposição pela entidade beneficiada. Seria permitida, então, a sua venda, desde que a cláusula de reverão fosse sempre renovada.

Foi estipulada, ainda, em contrato, a obrigatoriedade da participação do representante do Estado em todas as etapas das transações que viessem a ser realizadas pela donatária em caso de nova negociação e aquisição de novo imóvel: *enominado com vistas à sua gravação à época oportuna, bem como à supervisão e ao controle dos recursos proveniente dessas mesmas transações, para que fiquem resguardados os superiores interesses da Administração.*

Em 1980, a escritura pública foi registrada e o protocolo de intenções entre Avaí Futebol Clube e a nova proprietária do terreno na rua Bocaiuva, a Firma Kobrasol Empreendimentos Indústria Ltda (formado entre as empresas Koerich, Brasilpinho e Cassol), finalmente firmado.

A partir daí, foi autorizada a efetivação do título de compra e venda do novo imóvel, no Sítio da Ressacada, distrito de Ribeirão da Ilha, de cerca de 120 mil metros quadrados. O terreno, enfim, foi adquirido pelo clube - representado pelo presidente, João Salum, e o presidente do Conselho Deliberativo, José Matusalém Comelli, - com a Kobrasol e o Governo do Estado de Santa Catarina como intervenientes anuentes.

O antigo campinho do Palmeiras, depois Campo da Liga e Estádio Adolpho

Konder, não pertencia mais ao mundo futebolístico e seu novo dono transformaria seus 15.030 metros quadrados no primeiro *shopping center* da Ilha. Ao Avaí, uma nova, moderna e vasta praça esportiva - quase oito vezes maior que o antigo Pasto do Bode – próximo ao aeroporto Hercílio Luz.

Antes do Estádio Aderbal Ramos da Silva, a Ressacada, ser inaugurado e o velho estádio ser demolido, Avaí e Figueirense seriam os responsáveis pela derradeira partida de futebol no Majestoso.

O ESPETÁCULO TEM QUE CONTINUAR

E o Majestoso realmente merecia muito mais.

O último jogo oficial tinha sido dez dias antes, entre o Leão da Ilha e o Joinville. Uma partida sem gols, válida pelo Estadual, com a presença de apenas 2.056 torcedores, muito aquém das expectativas. A despedida, no entanto, não poderia ter outros times senão Avaí e Figueirense. O certame fatídico tinha que ser entre os dois grandes da cidade. Mesmo não representando um encontro oficial, essa linda história tinha que acabar em um Clássico.

As duas agremiações reuniram equipes veteranas mescladas de jogadores de outros clubes de Florianópolis. Sem banda, sem homenagens, sem programação, sem festa. Apenas a ocasião a ser celebrada. O público colaborou e levantou para aplaudir as entradas triunfais de ambos os combinados. Nizeta puxou a fila avaiana, para delírio das arquibancadas. O mesmo ocorreu quando Adão, aos 57 anos, entrou em campo à frente do Figueirense.

Abraços e muitos sorrisos foram vistos no centro do campo, onde se encontraram os grandes protagonistas da história do Pasto do Bode. Artísticas e melancólicas foram as poses para as últimas fotos naquele chão.

No intervalo, faltaram uniformes para tantas modificações e Lica entrou na

segunda etapa vestindo a camiseta utilizada por Nizeta. A partida fatídica terminou com o placar perfeito para a despedida: um derradeiro empate em 1 a 1, com gols de Laureci, para o Figueira, e Chico Botelho para o Time da Raça, no finalzinho, pouco antes do apito final de Max Vidal.

O que não era, acabou virando festa. A celebração ainda contou com uma volta olímpica de Nizeta, rodeado de crianças, com 51 medalhas penduradas no peito e dois troféus nas mãos. Aos 67 anos, o craque se sentia uma criança e deu sua última declaração como “jogador” ao jornal **O Estado**:

- Podia ir um pouquinho mais longe, mas decidi parar numa data significativa junto com o Adolpho Konder, local onde tive as maiores alegrias da minha vida. Na verdade, meu grande sonho era de me despedir onde comecei. Me sinto realizado.

Às pressas, combalido, o estádio dava adeus. Sem brilho, sem marcação de cal, com redes esfarrapadas e praticamente sem gramado. Com sempre foi.

Oscar Rego, o Bailarino, ex-craque de Paula Ramos e Avaí, cortou uma touceira de grama e guardou numa caixa de sapatos uma amostra do já saudoso Adolpho Konder, antes dos *trailers*, elefantes, tigres de bengala, macacos, bailarinos e palhaços pedirem passagem junto com o Circo Vostock – que já havia alugado o terreno – para montar a lona e o picadeiro.

Saiu o futebol e entrou o circo, porque o espetáculo tinha que continuar.

Reprodução



Oscar Rego, o Bailarino, leva um pedaço do velho Pasto do Bode para casa como lembrança

Vista do Morro do Céu: o campo já sem as arquibancadas demolidas para a construção do shopping center

Aerem Casa da Memória



REFERÊNCIAS:

- BARRETO NETO, Alexandre. **Avai Futebol Clube**. Blumenau: Nova Letra, 2008.
- BORGESS, Maury Dal Grande. **85 anos de Bola - A Memória do Futebol Catarinense**. Florianópolis: loesc, 1996
- BRITO, Paulo José da Cunha. **Dás um banho: Roberto Alves – o rádio, o futebol, a cidade**. Florianópolis: Insular, 2010
- DAMIANI FILHO, Dionísio. **Colégio Catarinense – 100 anos de futebol**. Florianópolis: Editora SOPHOS, 2006
- DASSILVA, Zé; GASPERIN, Emerson. **Almanaque do Futebol Catarinense**. Florianópolis: Edição do autor, 2010
- D'ÁVILA, Diogo. **Paula Ramos Esporte Clube – Crônicas de uma agremiação que marcou seu nome na história do futebol catarinense**. Florianópolis: Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, UFSC, 2007.
- LAGO, Paulo Fernando. **Escanteio**. Florianópolis: Editora UFSC, 1981
- SILVA, Fernando Linhares da. **Pasto do Bode: Uma Tradição Inesquecível**. Florianópolis: Papa Livro, 1983.
- SOUSA, Jairo Roberto. **Figueirense x Avai, o clássico de Florianópolis**. Florianópolis: Editora Tribo da Ilha, 2005.
- XAVIER DOS PASSOS, Rafael. **Da Ponta para o Gol – A trajetória de Saul Oliveira**. Florianópolis: Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, Estácio de Sá, 2011

**Universidade Federal de Santa Catarina
Curso de Jornalismo
Trabalho de Conclusão de Curso
Florianópolis, Junho de 2011**